

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



JANAINA AUGUSTA RAMOS PONTES

**LETRAMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACIAL:
UM ESTUDO SOBRE DIZERES DE MULHERES NEGRAS**



**Belém – PA
2021**

Janaina Augusta Ramos Pontes

**LETRAMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACIAL:
UM ESTUDO SOBRE DIZERES DE MULHERES NEGRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação. Linha de pesquisa: Saberes culturais e Educação na Amazônia. Orientadora: Profa. Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva.

**Belém – PA
2021**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém - PA

Pontes, Janaina Augusta Ramos

Letramento para uma educação antirracista: um estudo sobre dizeres de mulheres negras / Janaina Augusta Ramos Pontes; orientação de Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva, 2020.

Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Pará, Belém, 2021.

1. Mulheres-Discriminação racial. 2. Letramento racial. 3. Racismo. I. Silva, Maria do Perpétuo Cardoso da (orient.). II. Título.

CDD. 23º ed. 305.8098115

Bibliotecária: Regina Ribeiro CRB-2 739

Janaina Augusta Ramos Pontes

**LETRAMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACIAL:
UM ESTUDO SOBRE DIZERES DE MULHERES NEGRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação. Linha de pesquisa: Saberes culturais e Educação na Amazônia. Orientadora: Profa. Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva.

Data da Avaliação: / /

Banca Examinadora

_____(Orientadora)
Profa. Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva
Universidade do Estado do Pará

_____(Membro interno)
Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes
Universidade do Estado do Pará

_____(Membro externo)
Profa. Dr. Creusa Barbosa dos Santos
Programa de Pós-Graduação da Santa Casa de Misericórdia do Pará

Agradecimentos

A Deus, que na sua infinita sabedoria me indicava os caminhos nos momentos de incertezas, aflição e desespero, dando-me força e persistência para chegar ao final, a ele toda honra e toda glória.

Aos professores: Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva, orientadora; Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes e Dr. Creusa Barbosa dos Santos, pela paciência e contribuições neste estudo, gratidão.

A minha filha: Maya, que quase sempre entendia a minha ausência e falta de atenção, porém sempre pronta para me acalmar com seus abraços, me fazendo lembrar do porquê de seguir em frente.

Aos meus amigos: Lorena, Denise, Carla, Aline, Analice, Claudia e Roni, pela paciência de me ouvirem falar sobre a minha pesquisa todas às vezes que estávamos juntos, por me acalmar quando ligava desesperada pedindo ajuda e chorava exausta, mas todos sempre me incentivando e dando força pra persistir, insistir e jamais desistir.

A minha família que torceu pelo meu sucesso. Aos meus amigos do trabalho que Deus me deu e que também fizeram parte dessa trajetória. E pelo meu bem maior, meu pai, que apesar de não estar mais entre nós, essa vitória é dele, te dedico paizinho.

“Sou quem sou, porque somos todos nós”!

Ubuntu, para vocês!

LETRAMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACIAL: UM ESTUDO SOBRE DIZERES DE MULHERES NEGRAS

RESUMO

Este estudo busca investigar de que forma ocorre o letramento racial, na vida de mulheres negras como mães na sociedade e de que maneira esse letramento é transmitido entre gerações. De abordagem quantitativa, parte-se das seguintes questões norteadoras: Quais os eventos de letramento racial existem na comunidade que elas estão inseridas? Como essas práticas educativas e saberes se desenvolvem na comunidade? Que saberes emanam das práticas de letramento racial no contexto social da comunidade? O *lócus* da pesquisa é uma comunidade do bairro periférico da Terra Firme em Belém/PA e os sujeitos das pesquisas são mães negras. Para a produção dos dados, foram usados questionários e narrativas. Os teóricos de base da pesquisa são Street (2014), Kleiman (1995) (2007), Soares (2000), Bakhtin (2016) e seus interlocutores. Os dados obtidos para a composição do corpus revelam relações de saberes e práticas raciais no contexto dessa comunidade, constituindo assim o reconhecimento do letramento racial entre os sujeitos da pesquisa. Configurando-se, dentro das práticas e eventos, que as mães negras participam na comunidade de: encontros, ações e reuniões para tratar desse entre outros assuntos. Foi elaborado nessa pesquisa um levantamento de um glossário, tipo de dicionário sobre diversas palavras e expressões racistas com seus significados pouco conhecido, para elucidar e nos fazer reconhecer a fim de desconstruí-las após nosso entendimento. A importância do letramento e do letramento racial que estão imbricados nas práticas educativas da comunidade da Terra Firme com as mulheres negras, na formação social de seus filhos de terem a consciência de que eles irão passar por situações de racismo, são certas, porém o apoio familiar e a certeza de que serão acolhidos por elas é fundamental nesse processo.

Palavras-chave: Educação, letramento, antirracismo, racismo, mulheres.

LITERACY FOR ANTIRACIAL EDUCATION: A STUDY ON BLACK WOMEN'S SAYINGS

ABSTRACT

This study seeks to investigate how racial literacy occurs in the lives of black women as mothers in society and how this literacy is transmitted between generations. From a quantitative-qualitative approach, it starts with the following guiding questions: What are the racial literacy events in the community they are inserted in? How do these educational practices and knowledge develop in the community? What knowledge emanates from racial literacy practices in the social context of the community? The locus of the research is a community in the peripheral neighborhood of Terra Firme in Belém/PA and the research subjects are black mothers. For the production of data, questionnaires and narratives were used. The basic theorists of the research are Street (2014), Kleiman (1995) (2007), Soares (2000), Bakhtin (2016) and their interlocutors. The data obtained for the composition of the corpus reveal relations of knowledge and racial practices in the context of this community, thus constituting the recognition of racial literacy among the subjects of the research. Setting up, within the practices and events, that black mothers participate in the community in: meetings, actions and meetings to deal with this among other issues. In this research, a survey of a glossary, a kind of dictionary, was elaborated on several racist words and expressions with their little-known meanings, to elucidate and make us recognize in order to deconstruct them after our understanding. The importance of literacy and racial literacy that are imbricated in the educational practices of the Terra Firme community with black women, in the social formation of their children to be aware that they will go through situations of racism, are certain, but the support family and the certainty that they will be welcomed by them is fundamental in this process.

Keywords: Education, literacy, anti-racial, racism, women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 LETRAMENTO	16
2.2 LETRAMENTO RACIAL	26
2.3 ANÁLISE DO DISCURSO	33
2.4 IDENTIDADE DE GÊNERO E DE RAÇA	34
2.4.1 Identidades de gênero	36
2.4.2 Identidades de raça	40
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	43
3.1 TIPO DE ESTUDO	43
3.2. <i>LOCUS</i> DA PESQUISA	44
3.4 TÉCNICA E INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS	44
4-ANÁLISE DOS DADOS	46
CONTEXTOS DE VIDA DE MULHERES NEGRAS DA TERRA FIRME X SABERES DO LETRAMENTO RACIAL	46
3.3 MULHERES DA PESQUISA	47
4.2 QUANDO AS EXPRESSÕES OPRIMEM	63
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72

INTRODUÇÃO

Ao realizar o teste vocacional no colégio onde estudava no último ano do ensino médio, eu e minha família conversamos muito sobre a área que escolheria para o vestibular, e umas das profissões que escolhi foi justamente ser professora, o mundo da docência.

Inscrevi-me como uma das opções para o curso de Licenciatura em Pedagogia, em quatro universidades da minha cidade, sendo duas particulares e duas públicas, e tive a grande felicidade de ser aprovada em duas delas.

Em 2004, iniciei minha vida acadêmica ao cursar Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade da Amazônia. Logo no primeiro semestre do primeiro ano, já matriculada na universidade, consegui meu primeiro estágio, não mais como aluna e sim como uma profissional da educação, foi literalmente um divisor de águas para mim essa referência, mesmo trabalhando como estagiária em uma escola particular de grande porte, numa turma de alfabetização, atualmente com a nomenclatura de 1º ano, foi naquele primeiro contato com os pequeninos que descobri o amor por uma profissão, a tal vocação para lecionar, mesmo estando ali para contribuir e prestar auxílio à professora de maneira sutil.

Em 2008, iniciei minha carreira docente, como professora contratada da rede pública, para atuar nas séries iniciais de 1ª a 4ª série, onde minha função era o desenvolvimento de atividades variadas de acordo com o plano de aula e ensino, a definição de objetivos e metas dos projetos pedagógicos, junto à diretoria e planejamento de trabalhos em equipe. Foram dois anos seguidos superprodutivos, nada melhor que a vivência e experiência de sala de aula sentida na pele.

No decorrer dessa trajetória inúmeras situações de sala de aula com alunos e até mesmo com alguns professores em relação a cabelo e cor de pele de alunos foram fazendo com que meu olhar se voltasse para outras questões sociais, que estavam enraizados na sociedade.

E exatamente nesse momento histórico que vivemos tem sido marcado por cotidianas demonstrações de racismo, tanto no Brasil como em diversas partes do mundo, como os recentes casos de mortes de pessoas negras cada vez mais recorrentes. A escolha do tema de investigação emerge em razão da importância do contexto social atual, sendo um dos principais problemas sociais dos séculos XX e

XXI, causando, diretamente, exclusão, desigualdade social e violência a indivíduos ou grupos por conta da etnia, raça e cor.

Ao mesmo tempo, temos vivenciado inúmeras manifestações antirracistas espalhadas pelo mundo, com engajamento internacional, constituído por um público negro e branco, que tem abalado a cena nos editoriais de televisão e em todas as mídias sociais, visibilizando assim intelectuais negros e negras, que, aparentemente, passaram a ter mais espaço nesse cenário. Ainda, por se tratar de questões identitárias e preconceitos sofridos, o racismo, muitas vezes, não é levado em consideração pela maioria da sociedade e nem pelas autoridades competentes.

Mais especificamente, meu interesse pelo tema em estudo começou em 2014, em uma visita a um estande durante um evento na XVIII Feira Pan - Amazônica do Livro, no Hangar Centro de Convenções da Amazônia, onde a Editora da Universidade Federal do Pará (UFPA) realizava um ciclo de palestras e mesas que abordariam a trajetória de vida e de pesquisa do historiador, sociólogo e folclorista (1931- 2013), Vicente Salles, com destaque para a Coleção de propriedade do Museu da Universidade Federal do Para. Ao presenciar esse evento, fiquei ciente da existência do autor e de algumas de suas obras que posteriormente iria conhecer.

O tema exposto em seu estande retratava um pouco da vida e trabalho desse autor, na palestra denominada “Olhando Vicente Salles: trajetória de vida e de pesquisa do folclorista e historiador paraense”, se falava sobre o início do trabalho de pesquisa e sua dedicação para registrar a influência negra no Estado do Pará em uma de suas obras e sobre sua generosidade em disponibilizar suas pesquisas a todos os interessados. Logo, foi o suficiente para me encantar com o autor e obra.

No decorrer da minha vida acadêmica, fui atravessada por algumas obras do autor paraense, em especial a obra “O negro na formação da sociedade paraense”, é um livro relevante para os estudos sobre a presença e os costumes do negro no Pará e na Amazônia, reeditado em 2015, essa obra é composta de nove capítulos. Nela, o autor Vicente Salles amplia a discussão iniciada em O negro no Pará (1971), considerada uma de suas obras mais importantes.

De acordo com a obra “O negro na formação da sociedade paraense” é marcada por estudos sobre a importância da presença e contribuição africana e negra para a constituição da sociedade da região Norte. Na obra os negros de diversas etnias africanas se fazem presentes, contribuindo para a nossa diversidade

e multiculturalidade mestiça, aborda temas diversos, variando sobre o social, o econômico e, principalmente, o cultural, mostrando uma história sem viseiras no diálogo com o folclore e a sociologia, a escolha dos temas e a utilização das fontes são de caráter particular dos jornais do século XX. Retrata a história abolida de preconceitos da historiografia oficial e tradicional que dá lugar às vivências de escravos e negros livres, (onde-lugar) eles libertam-se dos silêncios de uma trajetória que insiste em não os reconhecer como parte da nossa sociedade. A partir da leitura desta obra veio o interesse em pesquisar sobre a temática dos negros na sociedade paraense e no decorrer dos estudos foi-se encaixando o objetivo a ser alcançado da pesquisa.

Ao recordar das aulas na faculdade, lembro que um dos meus professores adentrou no assunto sobre o termo letramento, e chamou-me bastante a atenção e interesse, pois logo foi associado à palavra “racial”, e não tinha o conhecimento de que o termo letramento em junção com a palavra racialestava relacionado com a necessidade de desconstruir, romper, as formas de pensar e agir das práticas sociais relativas ao racismo, que foram naturalizadas na sociedade. Assim, ao entender que o letramento racial está presente na sociedade, assim quanto o racismo, compreendi meu processo de letramento ainda em formação, porém com um pensamento diferente em relação à educação no geral, visto que a sociedade em que vivo e o ser humano que quero ir me construindotem que ser reconstruído.

Portanto, as razões que me motivaram a ler sobre esse tema e a desenvolver esta pesquisa estão primeiramente relacionadas ao compromisso ético na luta antirracista, de desconstrução de termos e expressões utilizadas no dia a dia, e de posturas e posicionamentos individuais. Soma-se a isso a minha experiência como estudante, sempre em formação, que me leva a refletir sobre o meu papel na sociedade ou mesmo me ajuda a pensar sobre questões identitárias, e isso me faz ter um olhar voltado para questões raciais e perceber que o branco tem privilégios e benefícios se comparado aos negros.

A base para a vida escolar do sujeito aprendiz é o início da formação de um cidadão com pensamento crítico, com participação ativa e profundo conhecimento dos seus direitos e deveres, dentro e fora da escola. E conhecer as obras do escritor Paulo Freirefoi outra grande descoberta para mim. Em especial quando ele trata do processo de emancipação, que, para ele, implica na superação da visão natural pela tomada de consciência, a iniciativa para a conscientização, movimento em que o

indivíduo compreende tanto a sua própria historicidade quanto o seu papel nas lutas contra a opressão.

Freire (2006) nos ensina que:

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (p. 11).

Ao afirmar que: “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, quer dizer que o ato de ler e escrever são práticas sociais que implicam, para além de compreender uma língua e seu funcionamento, a necessidade de entender como são usadas no contexto dessas práticas e como os sujeitos são afetados por essas experiências, que serão inúmeras como pessoas e a trajetória por elas percorrida. E entre essas práticas sociais está o racismo.

A espontaneidade de situações e pensamentos que promovem a discriminação racial formam o racismo estrutural que não diz respeito ao ato discriminatório isolado ou o que ele representa, e sim a um processo histórico em que condições de desvantagens e privilégios a determinados grupos étnico-raciais são reproduzidas nos âmbitos políticos, econômicos, culturais e até mesmo nas relações cotidianas, em nossa sociedade, ele é organizado a partir de uma perspectiva histórica eurocêntrica e orientada pela lógica do privilégio do branco, em que se trabalha com uma falsa e insustentável ideia de igualdade.

Sendo a memória um dos elementos que nos caracteriza como seres humanos, não podemos nos desfazer ou apagar nossa história. Visto que a escravidão, como herança discriminatória, em conjunto com a falta de medidas e ações que incluam negros e indígenas na sociedade, tal como as políticas de assistência social ou de inclusão racial no mercado de trabalho, geraram o que se entende atualmente como racismo estrutural, ou seja, uma discriminação racial enraizada na sociedade.

Ao estudar essas questões históricas sobre as experiências humanas ao longo do tempo, temas, assuntos relacionados a acontecimentos passados, é, de fato, interpretar acontecimentos sobre a história da sociedade e de cada indivíduo, sobre a construção da própria identidade. Entretanto, essas questões raciais fazem parte da construção da nossa sociedade.

Quando ingressei no mestrado, foram feitas leituras e pesquisas estudadas no programa, sobre identidade, ancestralidade e fui atravessada pelas tentativas de compreender como somos constituídos e porque nos tornamos pessoas racistas, percebo que as pessoas costumam não se posicionar, em situações de racismo que vivenciam diariamente. Ou por não perceberem ou por já estarem acostumadas.

Isto posto, o **objetivo geral desta pesquisa é analisar** como se caracteriza o letramento racial na vida de mulheres negras como mães na sociedade, e de que maneira esse letramento é transmitido para os filhos. Para alcançar esse objetivo, foram traçados os seguintes **objetivos específicos: relacionar expressões racistas** e os diversos significados que elas veiculam; **comparar a maneira como** essas expressões estão presentes no processo de letramento social dessas mulheres e, por fim, **analisar** as expressões discutir e desconstruir de que maneira temas como racismo e preconceito são abordados por essas mulheres junto a seus filhos, mais especificamente, por meio da reeducação do indivíduo numa perspectiva antirracista através da desconstrução de um discurso racista.

Para tanto, partimos da seguinte **situação problema**: como mães de crianças afrodescendentes ensinam seus filhos a reconhecer, responder e combater as formas de racismo em suas práticas sociais diárias?

Assim, este estudo alinha-se a um conjunto de pesquisas realizadas no Programa de Pós- Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará (PPGED- UEPA), sobre o contexto de práticas educativas em espaços formais e não formais de educação, apresentando uma concepção de educação e saberes provenientes da vida social de mulheres negras, aliando, assim, na realização do mesmo, a conexão entre práticas educativas não escolares e rigor científico da pesquisa em educação, demarcando, desse modo, um campo de investigação na Amazônia.

Em 2019, ao ingressar no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED), especificamente, na linha de pesquisa Saberes Culturais da Amazônia, a orientadora solicitou que fizéssemos um mapeamento das produções sobre o campo científico que estamos investigando.

Dando continuidade, este mapeamento se estendeu ao Banco de dados das dissertações produzidas nos repositórios da UFPA e no Portal da Capes de teses e

dissertações, para encontrar trabalhos sobre a entendimento investigativo do campo letramento racial.

Nos descritores para este levantamento, foram utilizados letramento, análise dialógica do discurso e práticas raciais e sociais, demonstrando, nestes trabalhos, conhecimentos populares e científicos, por meio de autores que embasassem teoricamente a interligação dos saberes e as práticas educativas na Amazônia em espaços não escolares.

Entre as dissertações disponibilizadas e concluídas para consulta no repositório da UEPA, entre os anos de 2007 até o ano de 2018, foram encontrados 8 (oito) trabalhos que possuem referência às “práticas de letramento”, conforme quadro 1.

Quadro 1 - Panorama de produções acadêmicas do PPGED-UEPA (2002 a 2018)			
Nº	Título	Autor	Ano
1	FORMAÇÃO DOS PROFESSORES: SABERES E PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	IONELI DA SILVA BESSA FERREIRA	2007
2	PROGRAMA PRÓ-LETRAMENTO: A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NAS ESCOLAS MULTISSERIADAS DO CAMPO NO PLANALTO EM SANTARÉM	WALDENIRA SANTOS GUIMARÃES	2011
3	CENAS DE LETRAMENTO E MULTILETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS EM UMA ESCOLA DE BELÉM	TATIANA CRISTINA VASCONCELOS MAIA	2015
4	LETRAMENTO MUSICAL E SUAS REPERCUSSÕES NO DESENVOLVIMENTO DA ALFABETIZAÇÃO: UMA ANÁLISE SOBRE ALUNOS DO 6º ANO DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE BELÉM-PA	DOUGLAS GUIMARÃES BORGES	2016
5	PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E EDUCAÇÃO O QUE DIZEM OS EGRESSOS DO MOVA BELÉM?	JAQUELINE TEIXEIRA GOMES	2017
6	PRÁTICAS DE LETRAMENTO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM UM BAIRRO DA ILHA DE CARATATEUA/PA	JOSIVAN JOÃO MONTEIRO RAIOL	2017
7	LETRAMENTO DIGITAL NO COTIDIANO DO BAIRRO DA CREMAÇÃO	MAIARA CARDOSO XAVIER	2017
8	PRÁTICAS DE LETRAMENTO E EDUCAÇÃO NAS VOZES DE CRIANÇAS: LER E ESCREVER ENTRE OS SENTIDOS E OS BENS CULTURAIS NA ILHA DE CARATATEUA-PA	NATÁLIA PASSOS FERNANDES	2018

Fonte: Banco de Dissertações do PPGED/CCSE/UEPA, agosto/2019.

Entre as oito dissertações encontradas no programa de pós-graduação de mestrado PPGED-UEPA, nenhuma delas aborda a questão do letramento racial, esse conceito remete a importância do caráter racial das relações, ou seja, que legitima uma pretensa supremacia do branco com a finalidade de desenvolver a

capacidade de interpretação de práticas racistas que estão nosso cotidiano, porém as pesquisas analisadas não esboçam esse conceito, mais são importantes e trazem contribuições significativas para as pesquisas voltadas a este vértice educacional.

Assim como nas dissertações disponibilizadas e concluídas para consulta, entre os anos de 2007 até o ano de 2018, no programa de pós-graduação do PPGED- UFPA foram encontrados 3 (três) trabalhos que possuem referência ao “letramento” (quadro 2). Entretanto, nenhum aborda a questão do letramento racial.

Quadro 2 - Panorama de produções acadêmicas do PPGED-UFPA (2007 2018)			
Nº	Título	Autor	Ano
1	O LETRAMENTO NO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS DA UFPA	HERIKA SOCORRO DA COSTA NUNES	2007
2	POLÍTICA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: A REPERCUSSÃO DO PROGRAMA PRÓ-LETRAMENTO NO TRABALHO DE PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS	IZA CRISTINA PRADO DA LUZ	2012
3	AS ÁGUAS DA CULTURA VIVIDA INUNDANDO A EDUCAÇÃO: UMA LEITURA SOBRE LETRAMENTO E CULTURA RIBEIRINHA.	MÁRCIA DA SILVA CARVALHO	2018

Fonte: Banco de Dissertações do PPGED//UFPA, novembro/2019.

Em seguida, fizemos o mapeamento das produções científicas no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). No que diz respeito a pesquisas desenvolvidas nos últimos três anos (2017- 2019), quadro 3, encontramos 04 trabalhos sobre a temática “letramento com a abordagem racial”, se trata de quatro dissertações. Porém, elas apresentam enfoques diferenciados, como exposto no quadro 3, daquele que pretendemos desenvolver, junto a um grupo específico de mulheres e mães negras.

Quadro 3- Panorama de produções acadêmicas CAPES (2017 a 2019)			
Nº	TÍTULO	AUTOR	ANO
1	RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E MULTILETRAMENTOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: NARRATIVAS LITERÁRIAS E MULTIMODAIS A PARTIR DE THE HELP	TAYNARA CRISTINA DE SOUZA SILVA	2019
2	NA MINHA PELE: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO RACIAL	NOEMIA DE LOURDES NASCTO	2019
3	RACISMO ANTINEGRO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO PARA PROFESSORES DE PLE	DANIEL LUCAS ALVES DA SILVA	2018
4	“QUANDO ME DEI CONTA DE QUE ERA NEGRA(O)/BRANCA(O)?”: UM ESTUDO A PARTIR DE RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE ESTUDANTES ADOLESCENTES	MARIVETE SOUTA	2017

Fonte: Banco de Dissertações e Tese da CAPES/MEC, janeiro/2020.

Haja visto que nenhuma das instituições acima possuem uma pesquisa voltada para a abordagem sobre o letramento racial e as mulheres negras, fazendo assim com que a pesquisa nesse trabalho se torne inédita.

Para dar conta desse estudo, o presente texto encontra-se dividido como segue.

1 Introdução: constitui-se da justificativa, razões da pesquisa acadêmica, memorial acadêmico, social e pessoal, motivações da pesquisa, objetivos: geral e específicos. E, ainda, um levantamento de teses e dissertações sobre o tema desta pesquisa, com o intuito de estabelecer o que existe de produção acadêmica neste campo de investigação.

2 Referencial Teórico: apresentamos, inicialmente, uma discussão sobre letramento e letramento social e racial, em seguida, discutimos sobre a teoria da análise dialógica do discurso por meio da concepção de base Bakhtiniana em diálogo com seus interlocutores apresentados nesta pesquisa.

3 Caminhos Metodológicos: apresentamos o caminho metodológico, em que discorreremos sobre o tipo de pesquisa. Seguimos caracterizando o *lôcus* da pesquisa de campo e posteriormente os participantes da pesquisa. Por fim, apresentamos o instrumento de produção e análise dos dados.

4 Análise de Dados: esta seção está subdividida em duas subseções. Na primeira subseção, consta a análise dos dizeres das mulheres da pesquisa, a partir das falas resultantes da Aplicação do Questionário (Apêndice 2) com as mulheres negras residentes em Belém no bairro da Terra Firme. E consta ainda uma relação de termos cujos significados podem ser reconstruídos por nós como parte de uma educação não formal antirracista.

Foi elaborado nessa pesquisa um levantamento de um glossário, tipo de dicionário sobre diversas palavras e expressões racistas com seus significados pouco conhecido, para elucidar e nos fazer reconhecer a fim de desconstruí-las após nosso entendimento.

Seguem ainda as **Considerações Finais, Referências e Apêndices.**

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste item, para fundamentar o estudo, apresento a abordagem acerca do campo do letramento, por Street (2014), que norteou a análise sobre as singularidades das práticas de letramento, acompanhada das autoras Kleiman (1995) e Soares (2004). Em seguida, falaremos sobre o letramento racial com os teóricos Almeida (2017), Schucman (2006) e Twine (2006), e sobre identidades sociais, subdividindo-se em categorias de gênero e raça, bem como nos pressupostos teóricos dos estudiosos da educação que investigam o racismo como fenômeno social, como Almeida (2018, 2020), Gomes (2005, 2006, 2017, 2018), Munanga (2006), entre outros.

Finalizando esta seção fundamento nossas discussões teóricas e metodológicas, analisando as palavras e as narrativas das mulheres, com a corrente teórica da análise do discurso de Bakhtin (1986, 2006, 2010, 2019), procurando demonstrar as aproximações investigativas com o objeto de pesquisa.

E, a partir disso, quase que automaticamente a reflexão desta experiência é uma vitrine para que saibamos que os problemas não estão respondidos, “as finas” demandas que chegam à totalidade da ciência e educação, e tudo que se atrela se cria e recria nesta e entre esta, no nível da teoria que se expressa no dia a dia.

Diante desse universo, ficando a tarefa de construção do conhecimento, na intencionalidade da emancipação humana e social, ao se pairar no ar cada vez mais a tendência entre raça, etnia, gênero e classe, sob o ângulo de uma ideologia racista, que nunca de fato a sociedade brasileira recusou e aboliu.

2.1 LETRAMENTO

Letramento não é um gancho em que se pendura cada som enunciado,
 Não é treinamento repetitivo
 De uma habilidade,
 Nem um martelo
 Quebrando blocos de gramática(...)
 Letramento é, sobretudo,
 Um mapa do coração do homem,
 Um mapa de quem você é
 E de todo que você pode ser.
 (Kate M. Chong)

Todos os indivíduos trazem consigo uma bagagem de conhecimentos e aprendizagens que não necessariamente terão aprendido na escola. Dessa forma o

trabalho do educador poderá facilmente ser realizado em espaços não–escolares. Portanto, o questionamento sobre quais as respostas objetivadas na educação brasileira, que podem iluminar possibilidades de transformações societárias radicais são descritas por Brandão, que logo nos diz:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nos envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para convencer, todos dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações (BRANDÃO, 1985, p.7).

Concordo com Brandão (1985), quando diz que os saberes estão conectados com os saberes diários e vivências, num sentido abrangente dessas experiências e na relação entre os sujeitos livres, eles libertam-se dos silêncios de uma trajetória que insiste em não os reconhecer como parte da sociedade. De maneira que a escola não é o único lugar e modelo de educação, podendo contemplar outros espaços educativos que organizam sua dimensão e os processos educativos para ensinar e aprender.

A escola é um espaço social e historicamente estruturado e cada vez mais marcado pela inter-relação entre práticas de leituras, oralidade e escrita, formadas por significados, usos designados à escrita por diferentes grupos sociais e valores, o que tem sido evidenciado por vários estudos desde o século XIX.

A partir dos anos finais da década de 90 do século XX, no Brasil, tem se usufruído do termo letramento para representar as relações da escola com a escrita em contextos sociais diversos e específicos, com o objetivo de relacionar as práticas escolares aos contextos sociais de uso da linguagem.

Em nosso país vários pesquisadores de diversas áreas de educação e de linguística, começaram a utilizar o termo letramento, aparecendo pela primeira vez no livro da autora Mary Kato, denominado “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística” (SOARES, 2000; MORTATTI, 2004; KLEIMAN, 2005; GRANDO, 2012). Soares (1996, 1998) também discute o conceito de letramento em 1998, em um livro titulado de *Letramento: um tema de três gêneros*, uma das referências centrais nesse campo, deixando fortemente marcado nessa obra a relação que estabelece entre alfabetização e letramento.

Entende-se por letramento o resultado de ler e escrever, compreendendo a linguagem como prática social, os indivíduos se apropriam da escrita com a finalidade de interagir e agir nos diversos contextos sociais, sendo sua prática nesse contexto um fenômeno social que não se limita somente ao espaço e as relações, mas abrange uma nova visão sobre as modalidades de leitura e escrita. Logo:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2001, p. 125).

Para Bakhtin, o modelo enunciativo-discursivo de linguagem é baseado na interação verbal e no enunciado, então recomenda, que se considere a interação verbal como a realidade da linguagem. Pois, segundo ele, a linguagem deve ser estudada como o lugar da interação humana, em que os sujeitos situados historicamente efetuam todo tipo de discurso, ao falar ou escrever, deixam seu texto marcas profundas de sua sociedade, seu núcleo familiar, suas experiências, tendo em vista também seu contexto social.

Compreender a língua na perspectiva de Bakhtiniana e na perspectiva sociointeracionista de linguagem, o que denota, entre outras coisas, compreender o gênero como uma prática social de articulação de nossas relações com o mundo e com os outros. ACOSTA-PEREIRA (2013, p.3)

compreende que os diferentes usos da linguagem (em suas diversas semioses, podemos acrescentar) efetuam-se na forma de enunciados concretos, únicos e proferidos por sujeitos participantes das interações sociais que ocorrem em determinados campos de atividades. Esses campos, ou esferas sociais, não apenas saturam e significam os enunciados de determinadas projeções ideológicas, valorativas e de sentidos como, em adição, os consubstanciam de determinadas condições de produção e finalidades discursivas, que se materializam no conteúdo temático, no estilo e na composição dos enunciados.

Diante disso, o estudo dos gêneros discursivos passa a ser uma maneira de contribuição para o desenvolvimento das capacidades linguísticas e comunicativas das mulheres negras no processo de interação social.

As contribuições resultantes dos postulados de Bakhtin e de seu círculo sobre a interação verbo-social tornaram-se referência para reflexões sobre o ensino de

línguas no Brasil. Novas perspectivas, então, passaram a subsidiar as discussões em torno do ensino das práticas sociais de leitura e de escrita.

Sendo assim ao utilizar a língua em sociedade, o sujeito, portanto, não se favorece de um “ato puramente individual, como uma expressão da consciência individual, de seus desejos, suas intenções, seus impulsos criadores, seus gostos, etc.” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 112-113), pois ao contrário disso, “enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social” (idem, 124). Nas suas vivências sociais, o sujeito sempre se comunica com outros sujeitos. Portanto, a

orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 115).

Ao corroborar Brandão (2001) nos diz que os saberes estão conectados como os saberes diários e vivências, num sentido abrangente dessas experiências e na relação entre os sujeitos:

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece talvez nem seja o melhor, o ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é o seu único praticante (BRANDÃO, 2006, p. 9).

Portanto, Brandão também reafirma que a escola não é o único lugar e modelo de educação tão pouco o único lugar que acontece, podendo contemplar outros espaços educativos que organizam sua dimensão e os processos educativos para ensinar a aprender.

Em relação a ler, escrever e interpretar textos ou usar a oralidade letrada, nem sempre os indivíduos são considerados como usuários independentes da língua escrita. Pois fora do contexto escolar existem outras situações, que se realizam em diferentes espaços e ganham diferentes sentidos apresentando várias maneiras diferentes de se inserir os indivíduos ou grupos sociais.

Por essa razão, podemos dizer que os letramentos são múltiplos, e indo mais além podemos dizer que são críticos, pois envolvem usos variados quantas são as finalidades dessas práticas.

Kleiman (2007) fala do trabalho do professor como aquele que contextualiza os saberes ensinados na vida cotidiana do aluno que faz surgir as práticas sociais, valorizando a competência de cada educando. Assim, eles reconhecem a escola não apenas como lugar de adquirir conhecimento, mas também o lugar de produção de socialização:

[...] bagagem cultural diversificada dos alunos que, antes de entrarem na escola, já são participantes de atividades corriqueiras de grupos que, central ou periféricamente, com diferentes graus e modos de participação (mais autônomo, diversificado, prestigiado ou não), já pertencem a uma sociedade tecnologicizada e letrada (p. 9).

Levando em consideração esse conhecimento cultural que adquirimos no nosso cotidiano seja individualmente ou em grupos contextualiza os saberes ensinados que se apresenta com uma grande diversidade, sendo de grande valia no processo de socialização já que pertencemos a uma sociedade e esses saberes apreendidos que faz aflorar práticas socialmente situadas e que possibilita a valorização das competências de cada um, reconhecendo que a escola não é apenas um lugar de aquisição de conhecimento, mais também um lugar de produção e socialização.

O termo letramento surgiu quando o conceito de alfabetização se tornou insatisfatório e não completava mais as demandas da sociedade e durante este período tornou-se necessário enfrentar esta nova realidade.

Diante das exigências da sociedade quanto a prática da leitura e escrita sobre diversos contextos, não é mais o suficiente apenas ler e escrever textos, se faz necessário apropriar-se das práticas de leitura e de que circulam na sociedade. Segundo Soares:

Antes, nosso problema era apenas o do “estado ou condição de analfabeto” – a enorme dimensão desse problema não nos permitia perceber esta outra realidade, o “estado ou condição de quem sabe ler e escrever”, e, por isso, o termo analfabetismo nos bastava, o seu oposto – alfabetismo ou letramento – não nos era necessário. Só recentemente que esse oposto se tornou necessário, porque só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o recente surgimento do termo letramento [...]. (2000, p. 20).

Segundo Kleiman (1995), esses estudos foram progressivamente expandindo, “[...] já não mais pressupunham efeitos universais do letramento, mas pressupunham

que os efeitos estariam correlacionados as práticas sociais e culturais dos diversos grupos que usavam a escrita” (KLEIMAN, 1995, p.16).

Esse termo é amplamente utilizado no contexto escolar atualmente, porém, percebe-se que algumas vezes se trata apenas de uma mudança de nomenclatura, ou seja, deixa-se de falar em alfabetização para se falar em letramento; no entanto apesar disso a prática de ensino continua sendo a mesma.

Kleiman (1995), ao mencionar sobre o letramento como práticas sociais que envolvem a escrita, aponta que a escola é apenas uma dentre as várias outras agências de letramento de nossa sociedade, afirmando então, que é possível participar de eventos de letramento sem ter ido à escola. A respeito dessa questão pondera que,

O fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das *agências de letramento* preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência *individual* necessária para o sucesso e promoção na escola (p. 20).

Essa concepção sobre o fenômeno do letramento vai além do que é apreendido nas instituições elas se encarregam de inserir categoricamente os sujeitos nesse mundo. Pois a escola analisava a escrita como uma habilidade imparcial e uniforme que traria o desenvolvimento e vantagens aos que a dominassem.

Entretanto, uma criança que ainda não é alfabetizada, supostamente pode ser letrada, pois todo o contato que se teve com a língua escrita antes da alfabetização já é considerado letramento.

Para Soares (2000), se uma pessoa é analfabeta, mas relaciona-se em um ambiente de forte presença da leitura e da escrita, ela de certo modo é letrada, pois utiliza-se da escrita, contornando-se em práticas sociais de leitura e escrita. Por essa razão, entendemos que o letramento vai muito além da obtenção de códigos utilizados na alfabetização; ele permite compreender os contextos sociais relacionados às práticas escolares e explorar a ligação entre as práticas não escolares e o aprendizado da leitura e da escrita.

Para além das habilidades de ler e escrever, o letramento pode ser bem mais assimilado, a considerar os diferentes valores, funções e configurações, que o

fenômeno atribuí para diversos grupos, a depender dos contextos locais e de referências culturais específicos e da estrutura que identifica os processos sociais mais abrangentes. Kleiman então aborda que:

um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento tem implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder (1995, p. 11).

Compreende-se que o letramento é um fenômeno fixo e único das práticas sociais que lhe dão origem, cujos seus procedimentos de execução determinam o envolvimento dos sujeitos que nelas constroem relações de identidade e de poder.

Para esses sujeitos que entendem e usam a escrita, são aplicadas categorias, práticas e eventos de letramento, desenvolvidas, por Brian Street, para o entendimento dos letramentos sociais. Tratando-se de categorias complementares, esses eventos de letramento possuem existência real, não sendo imaginária, onde o uso da escrita é fundamental para a interação, sendo estes usos que emergem das práticas e são definidos por elas. Já as práticas de letramento são concepções sobre a escrita nos eventos de letramento, os quais constroem e são construídos pelas concepções de leitura e escrita de um determinado grupo social.

Nessa pesquisa, na perspectiva etnográfica e sociocultural adotada como fatores, o contexto social e os papéis sociais se mostram relevantes para pensarmos sobre as práticas socioculturais de letramentos, na tentativa de compreender como se dá a relação de mutualidade entre o homem, a linguagem e o mundo. Street (2014) apresenta uma discussão que prioriza o modo como as pessoas usam o texto escrito e o que fazem dele em diferentes contextos históricos e culturais, mostrando-nos que:

[...] os sujeitos estão imersos em um 'armazém' de conceitos, convenções e práticas, ou seja, vivemos práticas sociais concretas em que diversas ideologias e relações de poder atuam em determinadas condições, especialmente se levarmos em consideração as culturas locais, questões de identidade e as relações entre os grupos sociais (2014, p. 9).

No campo da linguística e da educação que se interligam diretamente com o autor acredita-se que os sujeitos vivem as práticas sociais concretas em que diversas ideologias e relações de poder atuam em determinadas condições,

especialmente se levarmos em consideração as culturas locais, questões de identidade e as relações entre os grupos sociais.

Desse modo para Street 2006b, [...] os processos de letramento não podem ser entendidos simplesmente em termos de escolarização e pedagogia; eles são parte de instituições e concepções sociais mais abrangentes”, exemplo de famílias, igrejas, grupos sociais, entre outros. Consequentemente,

várias pessoas denominadas “analfabetas” [...] podem, a partir de um ponto de vista mais sensível culturalmente, ser vistas fazendo uso significativo de práticas de letramento para fins específicos e em contextos específicos (p. 14).

Street (2006b) considera que os sujeitos simbolizam seus desempenhos e significados de leitura e escrita de diferentes maneiras e em diversos contextos sociais, contudo nessas sociedades e épocas diferentes concorda-se que não é possível aceitar que o termo letramento seja dado como algo único e compacto, considerando essas dimensões que Street conceituou o letramento em modelo autônomo e em modelo ideológico.

Para o Street:

O ‘modelo autônomo de letramento’ funciona a partir do pressuposto de que o letramento ‘per se’- autonomamente – terá efeitos em outras práticas sociais e cognitivas. Entretanto, esse modelo, levando a crer que tais práticas são neutras e universais, na verdade máscara e silencia as questões culturais e ideológicas que a elas são subjacentes. (2001, p.7).

Essa concepção de modelo autônomo de letramento sustenta que há apenas uma maneira do letramento ser desenvolvido, como uma realização individual, ou seja, o fundamento concentra-se no indivíduo e não no contexto social que o indivíduo atua.

Entretanto Soares (2017) enfatiza que o conceito de letramento envolve um conjunto de fatores que variam de habilidades e conhecimentos individuais e práticas sociais a competências funcionais e, ainda, a valores ideológicos e metas políticas.

Nessa perspectiva, letramento não é apenas utilizar as competências de ler e escrever, mas sim a responsabilidade de estimular o desenvolvimento do ser humano, bem como despertar o senso crítico dentro da sociedade em que vive,

atuando na busca de seus objetivos e na transformação do mundo, participando energicamente da sua comunidade.

Portanto as ações solidárias na comunidade, organizadas pelas apoiadoras do grupo “Café com as Amigas Solidarias da Terra Firme” ocorrem de acordo na maioria das vezes com a necessidade, relacionada ao interesse feminino, onde são observadas e procuradas pelas pessoas residentes da comunidade a fim serem ajudadas e apoiadas pelas necessidades do dia a dia. Como pode ser observado nas imagens 1, 2 e 3, numa de suas ações e os atendimentos realizados no local, no bairro da Terra Firme, de corte de cabelo, manicure e pedicure, sempre muito procurado pelo público mulheres, homens e crianças.

Imagens de atendimento e ação comunitária

Imagem 1 Imagem 2



Fonte: fotos enviadas pelas mulheres da Terra Firme/2021.

Imagem 3



Fonte: fotos enviadas pelas mulheres da Terra Firme/2021

Imagem 4



Imagem 5



Fonte: fotos enviadas pelas mulheres da Terra Firme/2021.

Os atendimentos das ações é sempre voltado ao interesse das mulheres da comunidade visando o aumento da autoestima e o empoderamento feminino, muitas vezes o atendimento se estende para questões sociais, como a de alimentação ao entregar cestas básicas e facilitar atendimentos médicos por intermediação de uma das envolvidas do projeto que é assistente social e enfermeira.

Segundo Soares, podemos dizer que as práticas sociais de letramento que desempenhamos nos diferentes contextos de nossas vidas vão compondo nossos níveis de alfabetismo ou de desenvolvimento de leitura e de escrita; entre elas, as práticas escolares:

Letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e a escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (2004, p. 72).

No entanto, ao persistir na distinção dos termos alfabetismo que tem um foco individual, bastante pronunciado pelas capacidades e competências, cognitivas e linguísticas, escolares e valorizadas de leitura e escrita, em uma perspectiva psicológica, não há como haver concordância em relação a esse individualismo já que a discussão mais importante não é o individual ou social, mas o autônomo e ideológico. É impossível que o processo de alfabetização seja individual.

Enquanto o termo letramento busca redescobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não, locais ou globais, recobrimo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, escola etc.), em uma perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural.

2.2 LETRAMENTO RACIAL

O Letramento racial é um conceito bastante enfático e convida à uma reflexão que requer um posicionamento teórico e prático. Por esta razão, antes de iniciar a discussão desse tema, falaremos resumidamente sobre o letramento ou, melhor dizendo, letramentos.

Sabemos hoje que ler e escrever são práticas sociais que implicam, para além de compreender uma língua e seu funcionamento, a necessidade de entender como serão usadas a leitura e a escrita, nos contextos dessas práticas e como os sujeitos serão afetados por essas experiências em que o letramento está inserido na sociedade, que serão múltiplas, e como as pessoas e os percursos por elas são realizados.

Diante disso, Soares (2000) analisa a alfabetização e o letramento afirmando que eles estão interligados, porém, algumas pessoas podem não ser inteiramente alfabetizadas, ou, ainda não estarem nesses dois processos conjuntamente, ou seja:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, é o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita e responde adequadamente as demandas sociais de leitura e escrita (p.39/40).

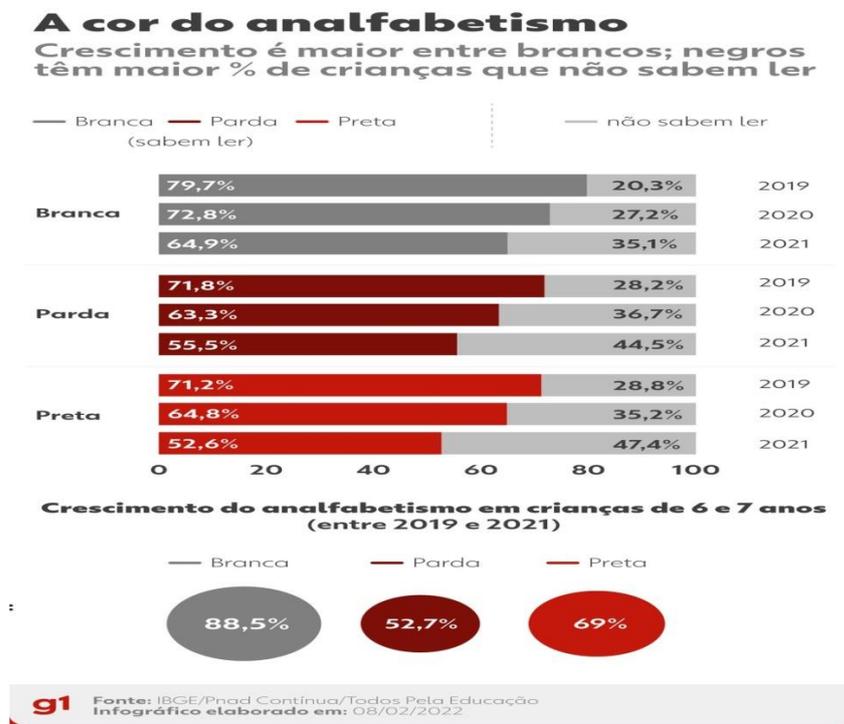
Portanto, é necessário, que o indivíduo seja letrado, ou seja, independente quando se refere ao uso da leitura e escrita em diferentes contextos e não apenas saber codificar e decodificar a língua escrita, pois torna insuficiente para responder às demandas do meio social. Dessa forma, compreendemos que ser alfabetizado não é o mesmo que ser letrado, e vice-versa.

Atualmente o número de crianças que não aprenderam a ler e escrever chega a 2,5 milhões e aumenta mais de 65% durante a pandemia, um grande desafio que ainda está por vir para nossos docentes de todo o Brasil tentarem solucionar,

esse estudo foi feito pela ong “Todos pela educação” com dados do IBGE, afirma que:



Já o número entre crianças pretas de 6 a 7 anos, é preocupante pois 47,7% não haviam sido alfabetizadas em 2021. Enquanto que as crianças pardas eram 44,5% e a taxa entre crianças brancas, de 35,1%. Como mostra o gráfico abaixo:



Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental nos dizia que não é o caso só de alfabetizar, mas letrar é, também, necessário, como bem foi colocado:

Letramento, aqui, é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas (BRASIL, 1997, p. 21)

O ambiente escolar é um espaço com grande riqueza em diversidade e pluralidade cultural, onde os diferentes se encontram e convivem. Entretanto, ocorrem determinadas situações nessa dinâmica entre os diversos atores sociais a exemplo de professores, funcionários, família e aluno que compartilham deste ambiente.

Com a nova atualização a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que se define por ser um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, sendo o correto é que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

Esta Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Sendo orientada por princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, portanto, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Nela podemos encontrar um eixo sobre a cultura afrobrasileira centrada na educação antirracista, que visa a prática ao evidenciar como somos um modelo singular por termos incorporado características pertencentes aos colonizadores e para tratar de temas relativos à cultura afro-brasileira e ao racismo, foram incorporadas nessas competências, no caso a de número 3 e 5, dentro das áreas (s) de: Linguagens; Ciências Humanas e Sociais.

A Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil.

Porém, destaco que a discussão em torno da escola, letramentos, estudo sobre a população negra sempre esteve presente mais só ganha dimensão como

direto com a alteração da lei conforme Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e mediante o sancionamento da Lei no 10.639/03, que inclui no currículo oficial dos estabelecimentos de ensino básico das redes pública e privada do país a obrigatoriedade de estudo da temática História e Cultura Afro-brasileira, que explicitam princípios e objetivos para a sistemática das ações antirracistas na escola.

É preciso letrá-se para praticar uma educação, não basta saber ler e escrever, a leitura de mundo, como dizia Paulo Freire tem que fazer parte do nosso cotidiano e ser levada como aprendizagem também, nossas vivências que não foram aprendidas na escola normal e sim na escola da vida, logo o que seria letrá-se, para Soares (2000) que a partir das suas descrições comenta:

[...] só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não se basta apenas ler e escrever, é preciso também saber responder as exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o recente surgimento do termo letramento [...] (p. 20).

Dessa maneira, letrá-se significa apropriar-se da leitura e da escrita, assumi-las como propriedade, fazendo seu uso social, respondendo adequadamente as demandas sociais. Dessa perspectiva, tem-se a construção de um conjunto de práticas sociais em amplos processos que possibilitam o reforço ou questionamento de valores entre formas de disposição de poder dentro dos contextos.

Paulo Freire (1987), diante desse cenário, destaca que os oprimidos possuem letramento, sendo o da leitura de mundo e o da sua realidade, o que supõe antecipadamente uma contribuição para o letramento de maneira que modifique e ultrapasse as práticas de dominação em uma “práxis revolucionária” onde o educador é o mediador de um ato incomum do sujeito diante do mundo. Por essa razão Freire direciona-se para um caráter inovador do letramento ao assegurar que:

Ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como um meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la. Sendo o papel do letramento ou de libertação do homem ou de sua “domesticação”, dependendo do seu contexto ideológico em que ocorre, na qual a sua natureza é de caráter inerentemente político, onde seu principal objetivo deveria ser o de promover a mudança social (p. 15).

Com isso uma grande carga étnico-racial, feminina e colonialista, nos deixa desenvolver o entendimento do conceito de letramento racial. Tal conceito leva em conta nossas práticas sociais de leitura e escrita num caminho que leve ao entendimento da criação dos estereótipos em relação aos negros na sociedade brasileira. Almeida (2017) nos diz que:

O conceito de letramento supõe, portanto, uma dimensão política. Afinal, se não há neutralidade nas práticas de ensino, ao decidir o que ensinar e como atuar nesse processo, poderemos nos comprometer com a legitimação ou com a transformação dos nossos currículos, dos livros didáticos, do que constitui e como são organizadas nossas escolas, bibliotecas, museus. Em síntese, é preciso implementar outras perspectivas, construir novas formas de olhar, de entender e de significar nossa história e nossas identidades. Você já ouviu falar em letramento racial? Sabe o que é e como se faz? Esse conceito remete à radicalização das relações, ou seja, o estabelecimento arbitrário de direitos e lugares hierarquicamente diferentes para brancos e não-brancos, que legitima uma pretensa supremacia do branco. Portanto, o racismo pode (e precisa) ser desconstruído, combatido, o que implica necessariamente lutar para que todos sejam efetivamente reconhecidos como cidadãos e que tenham de fato seus direitos garantidos (s/p).

Portanto, essa concepção de letramento racial como competência pedagógica de história, identidade e cultura negra no ambiente escolar, desconstruindo os paradigmas vigentes busca uma educação antirracista.

Mais se por um lado o racismo é um sistema de opressão, é necessário existir um oprimido e um opressor, caracterizando uma relação de poder. Neste caso, seria uma determinada etnia se considerar superior à outra. Por isso que, quando nos deparamos com o termo “racismo”, a primeira coisa que vem à mente é o tipo de racismo cometido contra a população negra.

Para desnaturalizar o racismo sabemos que uma educação antirracista vai muito além de se aplicar a lei 11.645/2008, que inclui no currículo oficial da educação básica a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira e indígena. Essa lei é muito importante, porém, é preciso reconhecer que o racismo estrutural existe, e inclusive, no ambiente escolar, mais não adentraremos nessa discussão aqui. Entretanto vale citar que no caso da rede particular, vale a gestão refletir sobre a quantidade de negros nas turmas, criando debates entre famílias, comunidade e alunos. Afinal, a escravidão durou cerca de 300 anos, historicamente é recente e os vestígios ainda são nítidos infelizmente.

Para embasar a discussão desta análise, iniciarei falando um pouco sobre epistemologias e o conceito de epistemicídio utilizados pelos autores Boaventura de Sousa Santos e Sueli Carneiro.

A definição sobre o epistemicídio para Santos é a seguinte: “à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas” (2009, p. 183).

O sociólogo Souza, nos fala que o epistemicídio, para ele é uma outra face do genocídio, e que atua como um dos instrumentos mais eficazes e duradouros para a dominação racial, ao se fortalecer a negação da legitimidade desses saberes de forma a impactar também no reconhecimento da população oprimida como sujeitos de direitos.

[...], mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista [...] tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais) (1995, p. 328).

A autora Carneiro da sua contribuição ao nos diz que o epistemicídio reforça a impossibilidade de não associar a desqualificação do conhecimento produzido pelos povos dominados com a desqualificação da posição, coletiva ou individual, como seres capazes de aprender:

O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Por isso, o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender (p. 97, 2005.).

Todavia, a escola, ainda se mantém afastada da concepção de letramento como prática social, não enaltece toda a criatividade, por meio de estruturas de poder dentro de uma sociedade, no qual este ambiente colabora para a

representação do *status quo*, degradando as dinâmicas de desigualdades vigentes e incapacidade de uma leitura crítica da realidade.

Street ressalta que o “letramento racial é uma compreensão das formas poderosas e complexas em que raça influencia as experiências sociais, econômicas políticas e educacionais de indivíduos e grupos” (STREET, 2011, p. 314), dessa forma o letramento racial nos remete a um meio de debater, numa perspectiva individual, as tensões raciais no movimento de reeducar o indivíduo sob uma perspectiva antirracista.

O estudo da antropóloga afroamericana France WinddanceTwine definiu o conceito de “Racial Literacy” como alfabetização racial literalmente, já este conceito, para a pesquisadora Schuman, se definiu como letramento racial, pois a ideia de letramento está ligada à de conhecimento do saber e da cultura envolvida. Seria a competência de utilizar a linguagem adequada para cada situação social necessária.

Entretanto, Twine propõe que haja uma desconstrução do racismo nas identidades raciais brancas, pois faz-se necessário que os sujeitos brancos se percebam racializados e adquiram o que ela irá chamar de Racial Literacy, que, para autora, é caracterizado por um conjunto de práticas que pode ser mais bem caracterizado como uma “prática de leitura”, uma forma de perceber e responder individualmente às tensões de hierarquias raciais da estrutura social que inclui seis princípios:

a) o primeiro como o reconhecimento do valor simbólico e material da branquitude, em que o indivíduo reconhece que a condição de cor dele, no caso branco, é que lhe permite privilégios;

b) o segundo é o entendimento sobre o racismo como sendo um problema social atual, e não apenas um acontecimento, legado histórico, que se legitima e se reproduz todos os dias na sociedade, em que o indivíduo acaba por contribuir com essa reprodução, se não se atentar as suas ações e comportamentos;

c) o terceiro é o entendimento de que as identidades raciais são apreendidas, pois são o resultado de práticas sociais;

d) o quarto é se apropriar de uma gramática e de um vocabulário racial que facilite a discussão de raça, racismo e anti- racismo;

e) o quinto é a capacidade de interpretar os códigos e práticas “racializadas”;

d) o sexto é a análise das formas em que o racismo é mediado por desigualdades de classe, hierarquia de gênero e heteronormatividade¹.

2.3 ANÁLISE DO DISCURSO

De acordo com o pensamento Bakhtiniana, a língua é dinâmica e como sendo um elemento de coesão social, não pode ser gerada como um conjunto de formas estáticas. A palavra é polissêmica, e a língua ocorre como consequência de processos dialógicos que envolvem as relações dos sujeitos entre si e com o mundo vivido.

Ou seja, para Bakhtin (2005, p.10) “procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.” Dessa maneira, a análise do discurso trata do discurso, etimologicamente, tem a ideia de percurso, correr por e de movimento, sendo o discurso uma palavra em movimento, na prática da linguagem com esse estudo observa-se o homem falando. Assim, compreende a linguagem como uma intermediação necessária entre o homem e sua realidade natural e social, onde essa intermediação denominada de discurso, torna provável a permanência e a continuidade quanto a mudança e a transformação do homem e da realidade em que ele vive.

Assim o discurso está inserido no cotidiano, das mulheres negras da comunidade pois estão nesse processo de comunicação dos discursos, por meio das expressões, participações nas manifestações artísticas e culturais. Sendo ele uma das formas mais poderosas de sustentação e manutenção do racismo que constitui a neutralidade da linguagem e da história.

Bakhtin (2015) afirma que a percepção que atribui a um excedente normativo aos elementos da língua pertencente ao uso de suas regras gramaticais, vai deixando de distinguir que há algo maior e mais complicado do ponto de vista normativo em relação ao uso que fazemos realmente aos elementos da língua, tratam-se das normas sócio verbais criadas pelos usuários da linguagem que vão se

¹ (Twine,2006, p.344 tradução da pesquisadora Schuman devido não possuir tradução em português do estudo de Twine).

fortalecendo ao longo das experiências familiares, institucionais e sociais diversas// são as formas de utilização das línguas. Essa experiência sócio verbal relativamente normativa experimentada pelos falantes e escritores é que Bakhtin (2015) vai denominar de “gêneros do discurso”, que ele dá à grande diversidade de enunciados existente no ambiente social. Logo nos diz que:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua (2001, p.11).

O autor afirma que toda atividade humana constrói seus “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2015, p.12), e que as normas sociais de utilização da linguagem são ocasionadas num ambiente histórico, além de breve e produtivo ao mesmo tempo. Podendo garantir que a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são inesgotáveis porque as possibilidades da heterogeneidade da atividade humana em cada campo dessa atividade vêm sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade.

É por meio da linguagem que o racismo se transmite e permanece de modo aparentemente imperceptível, sobretudo naquelas formas camufladas de amenizar ou negar suas manifestações, a exemplo no modo de pronunciar uma expressão.

Para Bakhtin (2010, p. 262), “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Assim, Bakhtin (2010, p. 274) acredita, como condição para a existência do discurso, que este “sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso e fora dessa forma não pode existir”. O enunciado é executado por um sujeito que bloqueia o código da língua em um momento específico e em um lugar determinado, visando à comunicação com outro sujeito.

2.4 IDENTIDADE DE GÊNERO E DE RAÇA

Identidade apresenta uma interface entre o pessoal – que é o que está dentro de nossas cabeças, como nós indivíduos nos sentimos sobre o que somos – e o social – as sociedades em que vivemos e os fatores sociais, culturais e econômicos que modelam e tornam possíveis as experiências

para as pessoas escolherem algumas identidades e considerarem outras como inacessíveis ou impossíveis (WOODWARD, 2000, p. 18).

Nesta subseção trazemos aspectos relevantes sobre gênero e raça, mais antes de adentrar as definições sobre cada identidade social de gênero, raça e classe pontuarei a definição acerca do termo identidade social.

De acordo com Lopes (2002, p. 37) afirma que as “[...] identidades sociais são construídas no discurso. Portanto, as identidades sociais não estão nos indivíduos, mas emergem da interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados”. Então, para discutir sobre essa questão de identidade no contexto brasileiro, há uma necessidade de tocar na questão da classificação de cor/raça/etnia.

Cada vez mais vêm sendo investigadas as identidades sociais por diversos pesquisadores das mais variadas áreas de estudo, os quais são categóricos em afirmar que as identidades sociais se constroem e reconstroem no contato com o outro, em meio à diferença e por intervenção da linguagem. Sendo essas identidades sociais o resultado das diversas mudanças que vêm ocorrendo nas práticas de sociabilidade do mundo contemporâneo.

Uma das manifestações culturais que fundamentam a identidade cultural de um povo e a língua, sendo também um elemento imprescindível no processo de constituição de nossa subjetividade. Portanto é através dela que nós nos constituímos como sujeitos, somos comeditos ideologicamente e vamos nos identificando com as formações discursivas nas quais nos inscrevemos.

A identidade não se desliga da língua, nem a língua não se pressupõe na construção de uma identidade, pois, conforme Bakhtin (1998, p. 46), não “há enunciados neutros, nem pode haver”, afinal, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência [...], ela é o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN, 1997, p. 36). Sendo a palavra intermediadora de toda relação social. De acordo com o autor:

[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados (BAKHTIN, 1997, p. 41).

Assim sendo, este enunciado nos impulsiona a compreender que a palavra é o meio pelo qual a cultura e a identidade se dissipam e se produzem, logo, sendo a mediadora da relação entre o homem e cultura e entre este e as identidades.

2.4.1 Identidades de gênero

O conceito de gênero passou a ser compreendido e debatido através dos movimentos sociais feministas que ocorreram no Ocidente no século XIX, porém antes de traçarmos as questões de gênero, abordaremos em um breve percurso histórico sobre o movimento feminista e suas contribuições.

No início do século XIX ocorreu a primeira onda do feminismo, / foi na virada do século que obtiveram maior visibilidades das suas manifestações, alcançando uma amplitude fora do comum (LOURO, 2010) chamado de "sufragismo", ou seja, no qual o objetivo principal desse movimento era estender o direito ao voto para as mulheres. Entretanto, havia outros objetivos considerados:

Com uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que com força e resultados desiguais), o sufragismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a "primeira onda" do feminismo. Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média [...] (p.15).

Portanto, naquela época, os interesses específicos das mulheres negras e de classe baixa não eram abrangidos pelo movimento. De acordo com Sousa et. Al., tais interesses como “[...] as discriminações sofridas pelas mulheres em termos de raça, classe, sexualidade, idade etnia, além de gênero” (SOUSA et. al., 2016, p.5) os quais só seria analisado posteriormente, na década de 1970, por um movimento denominado Black Feminism, criado nos EUA.

Já a segunda onda do feminismo, ocorreu no final dos anos 1960, esse movimento, além de se preocupar com questões sociais e políticas, também se limitou às questões precisamente teóricas (LOURO, 2010). Nesse período portanto foi que o movimento feminista passou a se expressar:

É, portanto, nesse contexto de efervescência social e política, de contestação e de transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu, expressando-se não apenas através de grupos de

conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas (p. 16).

Assim, segundo Louro (2010, p. 16), os *estudos da mulher* surgem quando as Militantes feministas que participavam do mundo acadêmico traziam para o núcleo das universidades e escolas questões que as impulsionavam, absorviam e "transmitindo" (transmitiam) o seu fazer intelectual, a exemplo as estudiosas, docentes e pesquisadoras com uma paixão política.

Auad (2003) aponta, que essa preocupação de um conhecimento teórico acerca da condição das mulheres na sociedade já era reconhecida desde a primeira onda do feminismo. Pois, foi na segunda onda, "na tentativa teórica de entender essa condição é que se começou a utilizar o termo gênero" (AUAD, b 2003, p. 57). Desde então, o conceito tem sido abrangentemente discutido.

Com o redirecionamento do foco para as questões de gênero, "aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades [...] de gênero" (HALL, 2006, p. 45- 46), ou seja, posteriormente, o objetivo passou a ser "[...] entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos" (LOURO, 2010, p.24), a consequência disso foi reconhecida uma nova política cultural, ou seja, a política das identidades (LOURO, 2008). Tal política é utilizada pelos grupos minoritários// contestar a homogeneização das identidades.

No que diz respeito as identidades de gênero, Butler afirma que não se caracteriza como "[...] uma identidade estável ou um lócus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos" (BUTLER, 2003, p. 200), ou seja, é constituída de acordo com o contexto e o âmbito social em que o sujeito está inserido, assim como as demais identidades. Nesse sentido, Louro diz que;

É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpretação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há /e simples ou de estável nisso tudo [...]. somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes

e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas (2000, p. 6).

Nós apresentamos múltiplas identidades (de gênero, de raça, de classe, entre outras) e elas não são constantes, mais sim transitórias e incertas, visto que podemos abandoná-las para assumirmos outra(s) (mesmo que provisoriamente). Entretanto, “aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou [a partir] de “marcas” biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada “(LOURO, 2002, p. 8). Contudo, como esses aspectos passaram a ser identificados como traços definidores de identidades? (LOURO, 2000). Louro salienta que:

As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam (2000, p. 8-9).

Ao decodificarmos certas marcas inscritas nas pessoas, acabamos categorizando e até mesmo excluindo-se simplesmente porque elas não se adequam aos padrões impostos pela cultura vigente. Então, Louro (2001, p. 15), nos diz que as sociedades “constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais) e aqueles que ficam fora dela, às suas margens”, todos esses aspectos estão relacionados a questão de poder.

De acordo com Louro, “ao relacionar os sujeitos, toda a sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina” (LOURO, 2000, p. 9). Portanto, é necessário desconstruir essa visão hierarquizada e classificatória, sem deixar de esclarecer que:

Tomar a construção do sujeito como uma problemática política não é a mesma coisa que acabar com o sujeito; desconstruir o sujeito não é negar ou jogar fora o conceito; ao contrário, a desconstrução implica somente que suspendemos todos os compromissos com aquilo a que o termo “o sujeito” se refere, e que examinamos as funções linguísticas a que ele serve na consolidação e ocultamento da autoridade. Desconstruir não é negar ou descartar, mas pôr em questão e, o que talvez seja mais importante, abrir um termo, como sujeito a uma reutilização e uma redistribuição que

anteriormente [as mulheres] não estavam autorizadas (BUTLER, 1998, p. 24).

Evidenciam-se discursos conservadores, preconceituosos e dominadores, denunciando uma permanência dos regimes de contenção da mulher. De certa forma, a superação dessa reverberação exige a desconstrução do próprio conceito de mulher. que precisam ser desconstruídos estão aqueles referentes às mulheres, o que significa:

...o que mulheres significa foi dado como certo durante tempo demais e o que foi determinado como “referente” do termo foi “fixado”, normalizado, imobilizado, paralisado em posições de subordinação. Com efeito, o significado foi fundido com o referente, de tal forma que um conjunto de significados foi levado a ser inerente à natureza real das próprias mulheres. Refundir o referente como o significado e autorizar ou salvaguardar a categoria mulheres como lugar de ressignificações possíveis é expandir as possibilidades do que significa ser uma mulher e, nesse sentido, dar condições para e permitir uma capacidade de agir realçada (BUTLER, 1998, p. 25).

Um fato importante que precisa ser debatido também é a questão de definição de papéis aos diferentes gêneros:

Papeis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar [...] (LOURO, 2010, p.24).

Então, assim, em diversos domínios, como na escola, esses papéis geralmente são pré-determinados, estabelecendo-se um padrão feminino e masculino, ou seja, desde os nossos comportamentos até a maneira como nos vestimos deveriam estar de acordo com os padrões impostos pela sociedade e reproduzidos na escola. Auaad salienta:

Logo, parece fecundo observar as diferentes instituições, como escola, dotadas de uma cultura própria, esta obviamente relacionada com o que está em vigência na sociedade mais ampla. Parece instigante querer saber como gênero, em articulação às outras categorias, aparece nesta cultura; questionar qual a importância e o peso dados ao gênero, de modo a considerar os processos simbólicos e lançar o olhar sobre como tal categoria configura também as práticas [...] (2003, p141-142).

A escola muitas vezes ao invés de valorizar a diferença, impõe papéis homogeneizantes que ficam permanentemente inscritos nos sujeitos, critérios e

normas são estabelecidos para meninos e meninas, dentro dos quais eles/elas teriam de se encaixar.

Todavia, as mulheres sempre lutaram a fim de conquistar seu espaço e demonstrar suas capacidades, objetivando visibilidade enquanto sujeitos ativos na história sociocultural da humanidade.

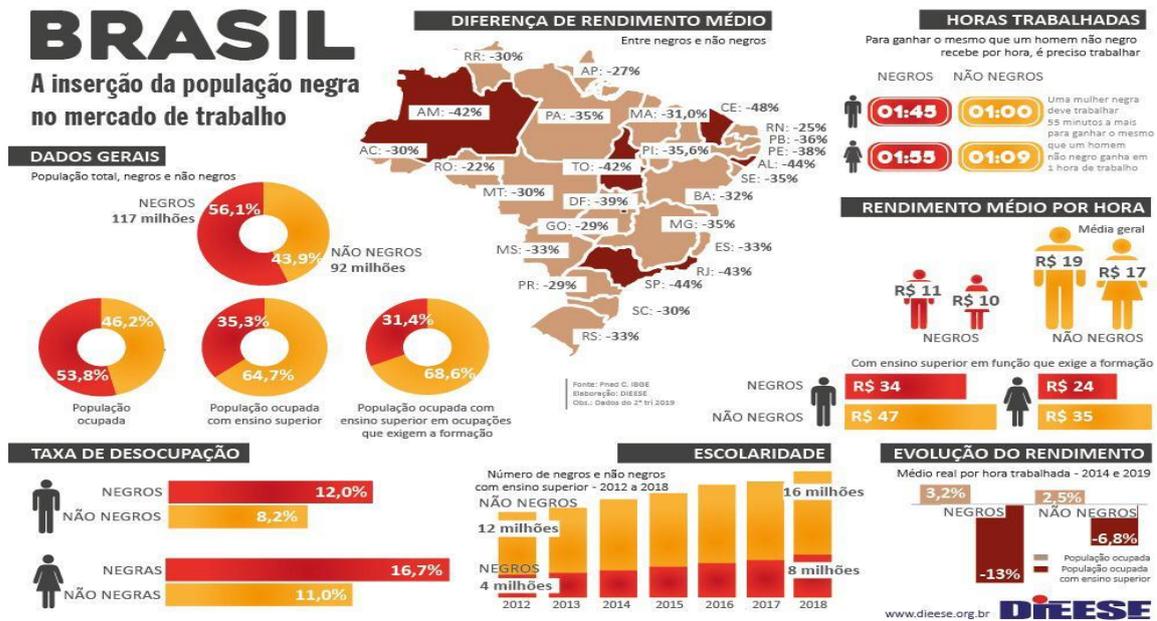
Verificamos, ainda, que encontramos várias semelhanças com os dias atuais, já que a sociedade brasileira está repleta de relações patriarcais, hierarquizadas, onde a violência ainda se faz presente, seja física ou psicológica, e onde a mulher continua lutando por espaço e por direitos iguais.

2.4.2 Identidades de raça

De acordo com a análise sistematizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) contínua, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que de toda a população brasileira, quase 52% são mulheres, mas estas não estão devidamente representadas, afinal, se mais da metade dos brasileiros são do sexo feminino, a falta de representatividade tem a tendência de perpetuar no país.

De maneira geral, no caso dos negros, que se declaram pretos ou pardos, mais uma vez o discurso de minorias é desconstruído, assim como as mulheres. De toda a população do Brasil, de acordo com o IBGE em 2018, data do último levantamento, quase 56% são negros. O Brasil é negro, por sua maioria populacional, conforme imagem 4.

Imagem 4



Um dos fatos mais notáveis a respeito das relações raciais na América é a persistência da desigualdade racial em quase todos os lugares com populações significativas de brancos e negros, com os negros quase sempre em posição de desvantagem.

Para Almeida a definição de racismo “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam” (ALMEIDA, 2018: 25). Já o termo discriminação é dar tratamento diferenciado em razão da raça. O autor explica que o conceito de raça não é estático, mas dependente das vigentes relações dos grupos sociais.

Schucman (2013) constatou em uma de suas pesquisas que a ideia de raça e os significados da branquitude são convenientes e predispostos por sujeitos brancos na cidade de São Paulo, para pensar as diferenças e hierarquias internas a esse grupamento social. Assim, identificou maneiras de superação da branquitude acrítica, sugerindo que a aquisição de racial Literacy.

A antropóloga afro-americana France WinddanceTwine formulou o conceito de racial literacy, traduzido pela psicóloga e pesquisadora Lia Vainer Schucman como “letramento racial”. Para a autora letramento racial é uma forma de responder individualmente às tensões raciais, ele busca reeducar o indivíduo em uma perspectiva antirracista.

Visto que esse termo, *Racial Literacy*, ou letramento racial, é um conceito proposto por France WinddanceTwine (2006), a partir de sua pesquisa com famílias interraciais na Inglaterra, foi estabelecendo como maneira de socialização racial e treinamento antirracista por meio de um conjunto de práticas que permitem perceber e responder individualmente às tensões das hierarquias raciais da estrutura social.

Para Gomes, as identidades de raça são compreendidas da mesma maneira que as identidades de gênero e classe [...] como uma construção social, histórica, cultural e plural” (GOMES, 2005, p. 43) não se criou com a pessoa, mas constitui sucessivamente de acordo com as relações sociais.

Diante desse cenário, Munanga (1996) afirma que:

[...] a explicação mais plausível, a meu ver, dessa interiorização quase inconsciente da discriminação racial no Brasil, estaria na forma da ideologia racista aqui desenvolvida pelo segmento dominante da sociedade, ou seja, a ideologia do mito da democracia racial, a harmonia entre as ‘raças’. (p 214).

Nos discursos das elites e dos grupos de interesse essas palavras eram naturais, pois indicavam que as relações raciais no Brasil eram harmônicas e representavam a inexistência de preconceitos e discriminações raciais.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DE ESTUDO

Apresenta-se, este estudo, como uma pesquisa de campo, com base nas técnicas de produção de dados, realizada inicialmente por meio de pesquisa bibliográfica, envolvendo o objeto de estudo já mencionado. Em seguida, foi feita pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, através de entrevista com questionários, seguida da transcrição e da análise de dados coletados sobre as práticas sociais vivenciadas por mulheres negras de uma comunidade.

Segundo Minayo (2011) esse tipo de pesquisa tem tido um papel relevante para as ciências sociais, por propiciar investigações que compreendam que, tanto os dados quantitativos e qualitativos, não se opõem, ao contrário se complementam, pois, a realidade é que eles se interagem de maneira dinâmica, e excluem qualquer dicotomia:

A pesquisa qualitativa responde à questão muito particular. Ela se preocupa, nas ciências, com um nível de realidade que não pode ser quantificada. Ou seja, ela trabalha como universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p. 21).

Para Minayo (2011), toda investigação se inicia por um problema com uma questão, dúvida ou pergunta, estruturada a conhecimentos intrínsecos, mas que demanda o surgimento de novos referenciais:

É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente a realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou nada, *pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática* (p. 17).

Entendemos que a pesquisa qualitativa é uma atividade racional, que tem como objetivo estudar o ser social e o mundo em que ele se reproduz. Para Street (1984, pag. 38-39), os sujeitos estão imersos em um “armazém de conceitos, convenções e práticas”, ou seja, vivemos práticas sociais concretas em que diversas ideologias e relações de poder atuam em determinadas condições, especialmente se levarmos em consideração as culturas locais, questões de identidade e as relações entre os grupos sociais.

3.2. LOCUS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida no bairro periférico da Terra Firme², um dos mais populosos da capital, com um grupo de mulheres que participa de ações em prol da comunidade, especificadamente localizado na Rua 2 de junho entre Santa Helena e Kadja, essa iniciativa se deu com a finalidade desse despertar dentro da sociedade em que elas vivem, possui esse olhar sobre letramento, a partir do querer individual de cada uma delas em transformar o mundo.

Localização do bairro em Belém do Pará.



3.4 TÉCNICA E INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

Neste sentido, teremos como base metodológica a análise do discurso Bakhtiniana, ou seja, o texto vai para além da escrita, nos permitido observar toda a arquitetura da discussão entre as práticas com essas mulheres negras na comunidade.

Para atender aos objetivos propostos, foram utilizados, como técnica de produção de dados, entrevistas, com intuito de se fazer um levantamento das vivências dos sujeitos da pesquisa.

²Terra firme¹ é um bairro da periferia, da área metropolitana localizado na zona sul Belém. O bairro é um dos mais populosos da capital, possui 61.439 moradores. O bairro é formado por terras firmes e altas próximas às áreas alagadas pelo Rio Tucunduba, no limite dos bairros de Canudos e Guamá.

Os instrumentos de análises foram observação e a entrevista narrativa – respondida em áudio, para posterior transcrição e análise, a partir de trechos que dão materialidade como *corpus*. Foram 12 questionários entregues e aplicados, porém com o retorno de somente 8 respondidos na íntegra. Estes questionários possuíam em torno de 11 perguntas das quais as entrevistadas poderão, inclusive, refletir por questões que não imaginavam passar um dia e outras que já teriam passado diversas vezes, foi bastante frisado nesse sentido no decorrer das entrevistas.

O questionário tinha como objetivo saber se elas falam com seus filhos sobre cor de pele e racismo, qual o entendimento delas sobre o racismo, se já sofreram alguma agressão ou tratamento injusto por conta da cor de pele, como lidam com o racismo diariamente no ambiente familiar e seus impactos na vida das crianças, se fazem o uso de alguma leitura ou costumam assistir filmes que falem sobre racismo e negros, de que maneira fazem a desconstrução do racismo com seus filhos, qual o ponto de vista delas como mães ao verem que crianças brancas não passam sabendo que é diferente com as crianças negras e na opinião delas como combater as atitudes racistas na sociedade.

Como base metodológica, utilizei a análise do discurso Bakhtiniana, com os aportes de e letramento de Strett, o que nos permitiu observar toda a arquitetura da discussão entre as práticas com as mulheres na comunidade esse texto vai para além da escrita.

4-ANÁLISE DOS DADOS

CONTEXTOS DE VIDA DE MULHERES NEGRAS DA TERRA FIRME X SABERES DO LETRAMENTO RACIAL

Nesta sessão, evidenciamos a constituição do *corpus* da pesquisa dividindo-a em dois momentos: análise do registro das falas a partir do instrumento questionário de pesquisa sobre as práticas educativas e sociais das mulheres negras na comunidade pesquisada, imagens 6 e 7 e o levantamento feito no Youtube de algumas expressões sociais usadas de forma pejorativa.

Em outras situações, as entrevistadas por alguma razão, na abordagem inicial da entrevista ao perguntar se elas se consideravam mulheres negras a grande maioria dizia: “que não” ou “falavam que eram morenas, e não negras”, logo, não se reconheciam como mulheres negras, então como não podia me posicionar nesta questão pessoal delas segui em frente ainda sem a participação delas.

Assim, após inúmeras tentativas encontrei um grupo dentro do bairro da terra firme que trabalha com ações voluntarias de apoio a comunidade voltado para as questões e problemas sociais, organizado por mulheres, inclusive todas negras, o intuito da formação do grupo foi de mudar um pouco a realidade da comunidade que estão inseridas por meio de suas ações, este grupo também conta com o apoio de alguns colaboradores engajados na mesma causa social, trata-se de um grupo de 7 mulheres a frente deste movimento denominado “Café com Amigas Solidárias da Terra Firme” (CASTF), imagem 5.

Imagem 5: Grupo “Café com as Amigas Solidarias da Terra Firme” (CASTF)



Fonte: fotos enviadas pelas mulheres da Terra Firme/2021.

A história da formação deste grupo se iniciou durante a pandemia, momento de muito sofrimento, renúncias e principalmente necessidades, e dos fatos principais desta união foi por conta de muitas terem perdido entes queridos, como por exemplo pai e mãe, no caso a maioria foram mães e filhos em comum e essa rede de apoio, acolhimento e ajuda só se fortaleceu entre elas, outra curiosidade foi que, além desse grupo ter sido formado por amigas de infância com mais de 30 anos de amizade e parceria. Foi de juntas num momento de dor coletiva cada uma fazer algo importante, para alguém, de se sentirem com utilidade, um olhar para os outros ao redor.

3.3 MULHERES DA PESQUISA

Vale destacar aqui que todos os sujeitos desse grupo foram abertos e solícitos, chegando até a se entusiasmarem com a participação delas na pesquisa. De ter tido esse olhar para elas dando visibilidade e importância ao trabalho delas. Registrei nas entrevistas os seguintes dados para descrever os sujeitos: nome, idade, estado civil, se possuem filhos, profissão e escolaridade, profissão e escolaridade dos pais e quantidade de pessoas residentes. Como pode ser visto no quadro 4:

Quadro 4: perfil das mulheres da pesquisa

<u>Nome</u>	<u>Idade</u> <u>Estado</u> <u>civil</u>	<u>Escolaridade</u> <u>Formação</u>	<u>Filho</u>	<u>Profissão</u>	<u>Escolaridade</u> <u>Profissão</u> <u>materna</u>	<u>Escolaridade</u> <u>Profissão</u> <u>paterna</u>	<u>Qde de</u> <u>pessoas</u> <u>residentes</u>
Cláudia	36 casada	Superior completo/ assistente social	2	Assistente social	Ens. médio completo/ vendedora	Ens. médio completo/ serviço geral	3
Jamile	37 casada	Superior completo/ comunicação social	1	Secretaria	Magistério/ dona de casa	Superior Direito/ funcionário publico	2
Isabel	47 Casada	Superior completo/ assistente social	2	Tec. De enfermagem/ assistente social	Ens. médio/ dona de casa	Ens. médio/ microempresário	2
Alessandra	49 solteira	Fundamental incompleto	1	Desempregada	-	-	2

Yara	28 solteira	Fundamental incompleto	1	Vendedora	-	-	3
Margareth	45 separada	Ens. médio	2	Autônoma	-	-	2
Daniele	37 Solteira	Ens. Médio completo	3	Diarista	Analfabeta aposentada	Ens. Fund. completo/ desempregado	1

Fonte: elaboração da autora 2021.

No início das entrevistas, foi apresentado e assinado pelos sujeitos o formulário de consentimento livre e esclarecido (Anexo 1). Para a condução da entrevista me rerepresentei, não mais como uma conhecida e sim como uma mestrandia pesquisadora. Explicando do que se tratava a pesquisa as deixando à vontade caso não quisessem responder a algumas das perguntas, também sobre o fato de não entenderem ou não saberem o que dizer sobre o tema.

No entanto, devido ao cenário de pandemia mundial, pela corona vírus, houve complicações no caminhar e desenvolvimento desta pesquisa, pois se tomou inviável de prosseguir a pesquisa de campo, pois foi aconselhado que não houvesse exposições a aglomerações.

Imagem 6/7: Grupo “Café com as Amigas Solidarias da Terra Firme” (CASTF)



Fonte: fotos enviadas pelas mulheres da Terra Firme/2021.

A partir desse ponto, para a realização da pesquisa diz pus de conversas por telefone e por meio de questionário de entrevistas, foram feitos alguns ajustes de modo que as entrevistas foram realizadas *on-line*.

Os principais pontos serão expostos de forma objetiva e breve com o intuito de abranger estudos relevantes para a construção do nosso conhecimento e demonstração da maneira como as práticas educativas sociais envolvem os eventos de letramentos dentro da sociedade para configuram o meu objeto de estudo.

Imagem 8/9: Grupo “Café com as Amigas Solidarias da Terra Firme” (CASTF)



Fonte: fotos enviadas pelas mulheres da Terra Firme/2021.

Nas entrevistas realizadas com os sujeitos foi observado que entre elas suas escolaridades variam, uma grande parte já tem o segundo grau completo, mas uma pequena porcentagem não terminou o ensino fundamental, tendo assim uma base de leitura, com limitações, mas não impossibilitando a prática do letramento entre elas.

4.1 QUANDO AS MULHERES FALAM

Partimos para analisar o objeto de investigação com base em Street (2014) e Bakhtin (2017), evidenciando, nas práticas educativas e sociais dessas mulheres, que há uma concepção de educação que fundamenta a concepção de letramento racial que está tecido nos saberes delas mesmas, e de suas vivências.

1. Você fala sobre cor de pele para seu filho?	
SUJEITO	QUANDO AS MULHERES FALAM
CLÁUDIA	Sim, que a cor de pele dele é linda, e não ligar para quem acha o contrário.
JAMILE	Sim.
ISABEL	Sim, eu falo sobre cor da pele com meus filhos, e deixo bem claro pra eles a cor da nossa pele, que somos negros e temos que ter muito orgulho da nossa cor.
YARA	Não falo com ele sobre cor de pele.
MARGARETH	Sim, converso muito sobre cor de pele.
ALESSANDRA	Sim.
DANIELE	Não, porque eu nem percebo as cores das pessoas. Pra mim todos são iguais.

A maioria das entrevistadas respondeu sim, quando se trata de falar sobre a cor de pele com seus filhos. Vendo, no contexto familiar, um dos maiores desafios da contemporaneidade é despertar nas crianças negras uma identidade racial positiva, sobretudo numa sociedade em que o racismo estrutural é normalizado e permeia os comportamentos, os discursos e o imaginário das pessoas.

Nos últimos anos, temos acompanhado um movimento forte e contínuo de incentivo a essa representatividade, através de mais espaços na mídia, visibilidade nos mercados com temática étnico racial, porém, muitas vezes, as crianças são envolvidas em questões de insegurança, dúvidas e negatividade sobre sua cor. Por outro lado, sabemos o quanto é importante um olhar sensível para a questão da identidade racial, já que é construída a partir do conhecimento de sua história e sua ancestralidade, também, a partir do momento em que as crianças adquirem condições para enfrentar o preconceito por meio da aceitação e do empoderamento.

Nesse aspecto, um olhar sobre o contexto escolar é importante, porque a presença de diferentes etnias nesse ambiente educacional abrange o reconhecimento da identidade, da autoestima, da autovalorização e do “empoderamento” infantil para as crianças, que dificilmente se veem representadas nos recursos existentes em seu universo.

Para corroborar sobre a questão do racismo e como ele se apresenta na sociedade, Gomes nos diz que:

O racismo constitui-se um sistema de dominação e opressão estrutural pautado numa racionalidade que hierarquiza grupos e povos, baseada na crença da superioridade e inferioridade racial. No Brasil ele opera com a ideologia de raça biológica, travestida no mito da democracia racial [...] A ideologia da raça biológica encontra nos sinais diacríticos “cor da pele”,

“tipos de cabelo”, “formato do nariz”, “formato do corpo” o seu argumento central para inferiorizar os negros, transformando-os (sobretudo a cor da pele) nos principais ícones classificatórios dos negros e brancos no Brasil (2017, p. 98).

A ideia de que o racismo está evidentemente ligado a aspectos fenotípicos, como cor da pele e tipo de cabelo, como podemos observar nas falas das mulheres, e não há nenhum esforço para mascarar ou esconder qualquer sinal de esfera da negritude, é sim uma prática racista, que está presente, de forma sutil ou não, em várias condutas e discursos, uma delas é determinar que a cor ideal para colorir as figuras humanas seja o lápis mais adequado de tonalidade rosa claro, chamado por todos de lápis cor de pele.

Bakhtin (1986) considera que as palavras são repletas de expressão individual, já que nos comunicamos por meio de enunciações individuais. Pois as palavras constituem um canal de expressão dos sentimentos, e dos preconceitos existentes, destacando desta maneira que não há enunciações neutras, pois:

[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor (, p 112).

2. O que você fala pra ele (a) sobre racismo?	
SUJEITO	QUANDO AS MULHERES FALAM
CLÁUDIA	Sim, eu costumo falar sobre racismo com meus filhos, e falo pra eles que tem sempre que respeitar e nunca passar por cima de ninguém. Ele me falou que não sente tanta diferença no racismo, mas ele sente mais nas traduções que ele assiste pela televisão e que a maioria dos amiguinhos dele é branco e ele não sente esse tipo de preconceito entre os colegas dele.
JAMILE	Que racismo é crime, mas ainda existe. Que pelo tom da pele tem certos cuidados que ele tem que ter, quando estiver na rua.
ISABEL	Sobre o racismo, eu digo pra eles, na minha opinião, nós mesmos somos racistas, porque eu conheço muitos negros que não gostam de negros, que discriminam a nossa própria pele e digo que devemos amar negros brancos, pardo, cabelo encaracolado, liso.
YARA	Assim que ele começar a entender sobre o assunto vou dizer que é crime.
MARGARETH	Digo que cor de pele não define caráter, o que define caráter é nossa criação.
ALESSANDRA	Converso, mas não tenho muito o que falar, só explico pra ele

	que nunca devemos tratar uma pessoa com indiferença de sua cor.
DANIELE	Racismo é uma atitude humilhante e constrangedora.

É inegável a conscientização de todas as envolvidas sobre a existência do racismo na sociedade, seus relatos são de conhecimento de causa tem-se o entendimento que se trata de um crime, e que apesar de todo o diálogo com os filhos sobre o assunto eles ainda precisam se alertados desde o modo de como se vestir ao modo de se como se comportam, além de ter o cuidado ao transitarem na rua. Entretanto houve relatos do qual elas alegaram que toda sociedade é racista, sendo que os próprios negros discriminam outros negros por não se verem como negros ou melhores do que outros negros. Que cor não define caráter, que o racismo é algo humilhante e constrangedor.

Em meio a análise desta entrevista fui atravessada por algo me chamou bastante atenção foi o fato de uma delas, relatar sobre a existência de alguns negros que entre si próprios se discriminam, pela questão de muitos não se veem como negro. E esse relato se confirmou, pois tive bastante dificuldade na aplicação da pesquisa a priori pelo fato de muitas mulheres negras se virem como morenas e até mesmo se autodeclararem pardas negando assim sua cor, raça e etnia.

E, nessa questão da cultura afro-brasileira, há um intuito em fragmentar o indivíduo no sentido de que perca seus laços ancestrais, sua história de sofrimento, sua cultura, sua tradição e todos os elementos que poderiam reconstruir, no presente, uma aliança coletiva que se transformasse numa força. Portanto, é nesse sentido, que o educador KabengeleMunanga afirma que “o afastamento e a destruição da consciência histórica eram uma das estratégias utilizadas pela escravidão e pela colonização para destruir a memória coletiva dos escravizados e colonizados”.

3.Qual o seu entendimento sobre racismo?	
SUJEITO	QUANDO AS MULHERES FALAM
CLÁUDIA	Caso houver algum problema eu sempre falo pra ele no meio escolar pra ele chamar a professora ou chamar diretora pra gente poder levar em frente o caso e ser esclarecido também nas escolas com os próprios colegas.
JAMILE	Eu entendo de racismo que é um preconceito racial ou cultural que faz com que a pessoa desacato ou ofenda outras raças outras crenças muita gente ou a maioria esquece que somos

	todos iguais e acham que a raça negra é inferior a raça branca.
ISABEL	Meu entendimento sobre racismo é que as próprias pessoas o racismo é uma forma da pessoa se expressar negativamente sobre algo que não gosta em si apontando na outra pessoa.
YARA	Meu entender de Racismo é que são pessoas mal amadas e mal resolvidas na vida por isso que destila esse tipo de veneno contra o próximo....
MARGARETH	Abomino todos os tipos de racismo.
ALESSANDRA	Ensino ele a respeitar pra poder ser respeitado.
DANIELE	Não entendo muito. Mas acredito que as pessoas não deveriam se importar com a cor de pele e sim com o caráter.

De acordo nos relatos obtidos nas entrevistas, elas relatam sobre os seus entendimentos sobre o racismo, que o problema está no outro, ou seja, na pessoa que transfere a ação, tem o discernimento que todos somos iguais, porém a sociedade julga que o negro é inferior ao branco. E falam sobre a questão do respeito com o outro.

É preciso, reconhecer os danos causados pela desigualdade racial vivenciada em nosso país e, ao mesmo tempo, buscar superar a lógica opressora de racialização dos sujeitos, conforme aponta Gomes (2018):

Um país sem racismo é aquele no qual as diferentes presenças encontram um lugar digno para se viver. É aquele no qual as pessoas têm o direito de ser quem são e são respeitadas. É aquele em que a raça, ressignificada social e politicamente, se torna uma categoria para a garantia de direitos e de inclusão e não de exclusão (p. 122 - 123).

Assim, uma negação da existência do racismo e da desigualdade entre brancos e negros na sociedade, como objetivo de perpetuar a desigualdade social é a diferença existente entre as classes sociais dominantes. Ao longo dos tempos, os sistemas econômicos e políticos das cidades foram criando mecanismos de distinção entre as pessoas.

4. Seu filho já sofreu alguma agressão racista?	
SUJEITO	QUANDO AS MULHERES FALAM
CLÁUDIA	Antigamente é que tinha esse tipo de brincadeira e realmente passava por uma brincadeira as pessoas não se davam conta que o racismo era uma coisa que feria que trazia uma desigualdade e hoje em dia através da nossa sociedade através das rádios, televisão, nos temos tendo conhecimento que isso trata de um crime ne, porque nenhum é melhor do que o outro.
JAMILE	Ele nunca sofreu mais nós temos por exemplo, nós temos muito cuidado com ele em relação a algumas situações, por exemplo

	quando ele sai ficamos preocupados da polícia parar ele, uma vez ele vinha da escola entrou no líder ele percebeu, só que o Lucas não é negro, ele é pardo então ainda sim ele percebeu que o segurança ficou olhando pra ele e estava acompanhado com dois colegas que eram brancos e não passaram por isso. Eu no meu caso nunca passei por isso, não sei por que mais nunca passei.
ISABEL	Não sei dizer se um deles já sofreu alguma agressão racista se sofreram não contaram, que até hoje não ocorreu.
YARA	Não.
MARGARETH	Nunca sofremos e nem dirigimos palavras ou atos descrição pra um ser vivo.
ALESSANDRA	Não.
DANIELE	Sim. Foi chamado de macaco por ser negro.

A primeira entrevistada relatou que o racismo de antigamente era tido como brincadeira, pois as pessoas não se davam conta que era algo sério e que suas consequências poderiam gerar traumas e revoltas. Ela relata também a questão da desigualdade por conta da cor, fator relevante que a sociedade ainda transfere em forma de números para população seja no trabalho, escola, emprego etc. Alega que os meios de comunicação estão ajudando justamente pra trazer a informação e nos mostrar que além de crime você pode sim, está optando por fazer o correto. Desconstruindo o que lhe foi passado por gerações.

Essa naturalização de ações, hábitos, situações, falas e pensamentos que já fazem parte da vida cotidiana do povo brasileiro, e que promovem, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial. No cotidiano da sociedade brasileira que se normalizam frases e atitudes de cunho racista e preconceituoso.

Portanto, é necessário entender mais como o racismo/raça atua nas relações sociais para se compreender a possibilidade de continuidade ou o processo de aceitação institucional e social. Segundo Silvio Luiz de Almeida, a raça é um conceito relacional e histórico, e apesar da biologia e da antropologia terem contribuído para demonstrar que as diferenças não justificam tratamento discriminatório entre seres humanos, “o fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante utilizado para naturalizar desigualdades, justificar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários” (ALMEIDA, 2018, p. 24).

5. O que você sugere que ele faça caso ocorra algum tratamento injusto?	
SUJEITO	QUANDO AS MULHERES FALAM
CLÁUDIA	Por incrível que pareça na rua eu nunca sofri nenhum tipo de racismo mais eu tive uma, não sei se era agressão ou se era tipo uma brincadeira de mal gosto mais a minha própria família me chamava tipo nega do cabelo duro, palha de aço essas coisas assim e que hoje em dia ne, é crime mais antigamente era tipo normal entendeu então foi só esse tipo de agressão foi da própria família chamava nega do cabelo duro, chamava urubu porque urubu é preto entendeu ai como a nossa pele é preta ai teve esse tipo de comparação.
JAMILE	O que eu falo pra ele caso passe por algum tratamento injusto peço sempre pra ele não agir com agressividade e sempre informar pra gente, no caso a família pro poder tomarmos alguma providencia verificar direito o que ta acontecendo mais tem muitas coisas, assim por exemplo a gente sempre coloca ele pra andar com a identidade dele sempre quando acontecer alguma coisa pra ele ficar parado ele olhar nos olhos se a polícia parar ele geralmente quando a gente sai de casa tem que falar várias coisas antes de sai.
ISABEL	Em relação a tratamento injusto eu falo pra eles relevarem não dá ênfase ao tratamento não discutir nem positivamente nem negativamente porque sempre gera conflitos maiores depois.
YARA	Que me fale primeiro o que aconteceu pra gente resolver
MARGARETH	Falo pra ele nunca revidar é sim dependendo do tipo de injustiça procurar uma autoridade mais próxima.
ALESSANDRA	Como moro em um bairro de periferia digo pra não se envolver é sempre ouvir as duas versões se caso tenha que tomar partido.
DANIELE	Caso ocorra mais de uma vez o racismo com ele, oriento ele a procurar as autoridades e registrar um boletim de ocorrência.

Os relatos que foram obtidos sobre a primeira entrevistada nos dizem que nunca houve tratamento injusto com o filho, porém com ela foram inúmeros casos dentro da própria família o racismo estrutural se fez presente em cada comentário ou “brincadeira” na sua infância era sinônimo de altas risadas e desconforto pra ela, a normalização e naturalização dessas ações e hábitos presentes na sociedade de achar que não é nada demais um apelido aqui outro ali na verdade é uma agressão racista.

Porém, a segunda entrevistada relata também que seu filho nunca sofreu nenhum tratamento injusto, mas o orienta em alguns aspectos de como se posicionar caso venha acontecer, sendo o caso de, não agir com agressividade, e informar sempre pra família, para juntos poderem tomar uma providência. E vai

além, orienta que caso ele seja abordado pela polícia, não deva reagir, andar sempre com documento de identificação e olhar nos olhos. Mas afirma que esse discurso é feito sempre que o rapaz sai de casa, todos os dias.

As demais relatam que o filho deverá procurar por seus direitos perante as autoridades seria o mais correto e viável a se fazer caso ocorra esse tipo de situação, porém, sabemos que dificilmente o negro tem voz, primeiro eles humilham, batem e até prendem pra depois perguntar o que houve. Almeida (2020) compreende ainda dizendo que o racismo fornece sentido, lógica e tecnologia para perpetuar a violência e a desigualdade social tão presentes na nossa sociedade.

Entretanto, de acordo com Bakhtin (2019b), a linguagem é uma prática social, inerente à formação humana, que envolve o relacionamento entre sujeitos, tornando um lugar de confrontos ideológicos, pois a linguagem é uma voz que possui uma intencionalidade. As diferentes vozes que constituem os enunciados de intolerância ao negro dialogam com outros enunciados que evidenciam histórica e socialmente o racismo, a discriminação, o abuso de poder e as relações de dominação.

6. Como você e sua família lidam com o racismo diariamente?	
SUJEITO	QUANDO AS MULHERES FALAM
CLÁUDIA	O racismo dentro da minha família é tratado como uma brincadeira eu sou filha de um pai negro com uma mãe, ela diz ser branca, mais a pele dela é branca mais eu sou desse jeito, mais como lhe falei a minha família gosta muito de brincar, mais é uma brincadeira que hoje em dia machuca urubu, negão sabe esse tipo de brincadeira então quando eu tenho a oportunidade eu sempre falo pra eles que não é legal e por incrível que pareça a minha família ela não são de pessoas que tem escolaridade baixa são mais por parte da minha mãe são pessoas formadas, são militares são professores e acaba fazendo a mesma brincadeira.
JAMILE	O Lucas por ser pardo não sofre tanto mais tem coisa por exemplo que a gente fica muito preocupado de olharem pra ele, um exemplo foi que certa vez ele pintou o cabelo de loiro e o amigo dele da escola também pintou o cabelo de loiro, o amigo não foi chamado na diretoria mais meu filho foi, até nós fomos lá, e falaram que não foi por isso foi por conta que ele por ser mais claro o loiro não apareceu tanto e pelo meu filho ser mais escuro o cabelo loiro ficou mais em evidencia e vocês chamaram meu filho então é um tipo de racismo sim. Falei umas coisa lá, é uma situação muito difícil porque a gente pensa que não tem... que não existe só que são pequenas coisas. Na verdade, o racismo ta disfarçado, de pequenas insinuações não é declarado ele nunca sofreu ofensa tem coisa que eles falam na escola que não

	pode usar qualquer cor a porque não vai aparecer em ti, a Jamile porque que tu só usa preto nem aparece em ti tens que usar cores mais claras.
ISABEL	Na minha família a gente nunca sofreu porque tanto eu quanto meus filhos e marido somos negros e temos orgulho disso.
YARA	Converso muito com minha família e amigos sobre isso acho muito desnecessário uma pessoa se julgar melhor que a outra...
MARGARETH	Não aceitamos nenhuma forma de racismo.
ALESSANDRA	Nunca sofremos nenhum tipo de racismo. Mas caso isso ocorra um dia falo pra que não revide sai de perto é não dê ibope. Pois geralmente quem faz qualquer tipo de coisa pra denegrir a imagem do outro é porque o problema está consigo mesmo.
DANIELE	Nossa família sempre educou de forma que nunca olhássemos pra a cor de pele.

Ao obter os relatos das entrevistadas pude observar que a maioria delas no seu seio familiar o assunto sobre racismo é evidente, uma delas sendo vítima desde a infância de nomes pejorativos que distorciam sua própria imagem, outra com um ocorrido na escola com seu filho por conta da descoloração do cabelo pro ser mais escuro ficaria em evidência, disse a diretora.

Quando o racismo começa na família não adianta esperar que a criança lide com as diferenças na rua se, no ambiente familiar, temos comportamento oposto.

Bentes (1993), nos ajuda a refletir melhor sobre essa situação. Quando segundo ela, nos diz que no Brasil, embora seja muito mais interessante se falar em etnia, na prática, não adianta um negro se identificar etnicamente com um não-negro, pois o racismo faz com que o negro e não o não-negro seja discriminado (BENTES, 1993: 20).

7. Pra você quais os impactos do racismo na vida das crianças?	
SUJEITO	QUANDO AS MULHERES FALAM
CLÁUDIA	O impacto é muito grande porque eu quando era criança a única coisa que eu via era a diferença do cabelo porque uma tinha o cabelo liso e eu queria porque queria liso também, e hoje em dia tenho cabelo alisado como o pessoal chama, porque a minha própria família fazia bullying comigo falavam que meu cabelo era palha de aço.
JAMILE	Acredito que desde pequenos devem ser orientados do que possam sofrer. A família deve trabalhar bem a mente de seus filhos e faze-los estarem preparados para o que vier. Pois o impacto é grande e pode mexer com o psicológico e torná-lo um adulto limitado, inseguro e inferiorizado.
ISABEL	Na vida das crianças ou de qualquer cidadão o impacto racista

	tem um lado supernegativo, quando uma pessoa aponta uma criança com o racismo a criança guarda dentro de si gerando magoas, gerando perguntas, por que que me trataram assim? Porque que eu sou diferente? Eu já vivi uma situação com uma criança não aqui mais em outro lugar que ela se questionava, porque que o fulano me trata assim? Será que eu sou doente, será que minha cor é uma cor de doença.
YARA	Eu já sofro Racismo quando criança dos meus próprios colegas. Então é escroto, eu na época não tinha ação pra resolver....
MARGARETH	Uma criança insegura.
ALESSANDRA	Não gosto de assistir nada que a mídia oferece sobre nossa cor...
DANIELE	Se for em relação aos meus filhos eles ignoram.

Todas as entrevistadas responderam de forma negativa sobre os impactos do racismo nas crianças, porém duas disseram que quando crianças sofreram muito com atitudes racistas sendo uma delas no próprio seio familiar, ao relatar que seus próprios familiares, faziam brincadeiras em relação ao seu cabelo crespo, conta o quando foi e ainda é doloroso. Pois apesar deste ocorrido ter acontecido na infância traz consigo até hoje essa infeliz lembrança, e que até os dias de hoje não aceita o seu próprio cabelo e faz diversos procedimentos químicos para alisá-lo.

A outra entrevistada relata que tem que haver uma orientação previa do que essas crianças possam vir a sofrer com o racismo desde pequenas, e essa instrução tem que vir da família.

Ao se falar sobre identidade, de acordo com a educadora Gomes (2017), o processo de construção da identidade se dá de forma coletiva por mais que se anuncie como individual. É a partir do olhar do outro sobre o corpo negro, que este corpo vai se percebendo, se colocando, desenvolvendo uma aceitação ou uma auto rejeição.

O processo de aceitação pessoal vem aos poucos, e se inicia com a família, as vivencias positivas de aceitação de geração pra geração contribui para o triunfo desse processo tem que trabalhar bastante, a conscientização e empoderar as crianças desde cedo.

8.Você costuma ler alguma literatura ou assistir filmes que trate sobre o racismo ou que tenha no elenco autores negros?	
SUJEITO	QUANDO AS MULHERES FALAM
CLÁUDIA	Sim.
JAMILE	Eu procuro sim assistir series e filmes que falam da cultura negra eu procuro sim os autores negros nos filmes nas series as vezes o protagonista eu vejo que tem poucos protagonistas que são negros isso tudo eu observo.
ISABEL	Em relação a filmes ou tipos de leitura na minha opinião a própria mídia dá ênfase ao racismo eu já assisti diversos filmes e novelas que tem negros nunca vi um ator negro num papel importante sempre é no papel de bandido de empregada doméstica nunca vi um negro na televisão fazer um posicionamento na alta sociedade como grande empresário como um advogado eu ainda não assisti ainda não me deparei.
YARA	Já assisti muito o filme cidade de Deus. Acho que a própria mídia não valoriza a cor negra.
MARGARETH	Não gosto de assistir nada que envolve cor da pele aliás acho a mídia muito injusta com esse assunto!!
ALESSANDRA	Não.
DANIELE	Assisto muito, exemplo “Mãos talentosas”.

De acordo com o relato das entrevistadas a maioria já assistiu sim, filmes e series, com atores negros ou com uma temática racial. Porém não se sentem representadas em papéis importantes com maiores visibilidades, pois sempre o papel importante fica com uma pessoa “branca”, algumas até admitem não assistir pelo fato de se sentirem injustiçadas em além, de ter que viver situações de cunho racistas, verem isso se passar na “ficção” que pra elas está mais próxima da realidade delas todos os dias.

A falta de representatividade pode ser um problema, uma vez que o processo de autoidentificação é fundamental para o indivíduo. Além disso, a presença da diversidade no cotidiano da sociedade torna-se importante para que todos possam conviver com as diferenças.

Lia Vainer Schucman demonstra que ser negro não é uma entidade fincada e efêmera, porém “[...] ser negro no Brasil é uma condição objetiva em que, a partir de um estado primeiro, definido pela cor de pele e pelo passado, o negro é constantemente remetido a si mesmo pelos outros”. (SCHUCMAN, 2012, p. 40). No próprio campo individual de construção da identidade, o negro, na sociedade racista, fica amarrado perante determinadas condições objetivas de um imaginário comum

apoiado e fundamentada em caracterizações e significações negativas sobre o seu próprio grupo étnico-racial.

9- De que maneira você faz a desconstrução do racismo diário, sobre ser negro com seu filho?	
SUJEITO	QUANDO AS MULHERES FALAM
CLÁUDIA	Sempre falo pra eles que ninguém é melhor que do ninguém e que eles não são nem melhores nem piores por causa da sua cor de pele.
JAMILE	Eu sempre digo pra ele que é uma pessoa como qualquer outra, que ele pode fazer o quiser, que ele pode usar o que quiser, só que assim como o mundo é preconceituoso e como já tem esse preconceito e ele já vem de muitos anos atrás acaba que ele tem que ter alguns cuidados.
ISABEL	Falando que determinadas expressões não podem mais ser aceitas, como por exemplo, dizer que eles são negros sim, e não pretinhos, mulatinho, negrinho.
YARA	Falando coisas boas dele.
MARGARETH	Como nunca passamos por nenhuma descrição racial. Oriento a não prosseguir é não fazer o mesmo, caso presenciar algum tipo de bullying sobre racismo.
ALESSANDRA	Que ela é linda.
DANIELE	Ignorando.

A resposta da maioria das entrevistadas foi de um olhar positivo para essa desconstrução do racismo, obvio que a necessidade de algumas reflexões e indicações de caminhos que possibilite a desconstrução destes estereótipos negativos sobre a raça negra existente na sociedade. E, a partir dessa desconstrução construir um sentimento que possibilite a valoração do negro como um importante elo na formação da estrutura social brasileira.

Sobre a construção da identidade negra, Gomes diz a respeito que:

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação de redes e de referências culturais de grupos sociais. Indica traços culturais que se expressão através de práticas linguísticas, festivas, rituais comportamentos alimentares e tradições populares referencias civilizatórias que marcam a condição humana (2005, p. 41).

Para Street (2014, p. 124), “a questão não é o impacto que o letramento tem sobre as pessoas, mas como as pessoas afetam o letramento”, essa desconstrução de falas pejorativas já normalizadas na sociedade se configuram desde a época da

escravidão. Portanto ao considerar o entendimento voltado para a busca da desconstrução desse letramento, para assim reproduzirmos adequadamente na sociedade é de grande valia.

10- Sabemos que há problemas que envolvem crianças negras que não envolvem crianças brancas, qual seu ponto de vista como mãe sobre isso?	
SUJEITO	QUANDO AS MULHERES FALAM
CLÁUDIA	É nítido essa desigualdade entre crianças brancas e negras acaba machucando o coração de uma mãe ver que a sociedade ainda faz esse tipo de discriminação. Quando eu via a minha família fazendo esse tipo de brincadeira que na verdade era uma agressão como te falei nunca sofri isso na rua mais sofria dentro de casa com essas brincadeiras nega do cabelo duro, urubu do ver o peso tudo isso, então só depois que eu vim, depois de adulta porque na verdade a criança ela não leva tanta maldade só depois quando ela vai pegando tipo uns 5 anos 7 anos que ela já vai vendo a diferença de tipo de cabelo pele e tudo isso, mais é muito ruim.
JAMILE	Eu como mãe de uma criança negra, procuro estabelecer um diálogo aberto e sincero com meu filho, sei que a sociedade finge que o problema não existe. Mas existe sim, e acontece todos os dias, disfarçados de brincadeiras e olhares. Um exemplo que posso dar é que sempre que meu filho sai de casa, eu oriento a levar sempre os documentos, que se for parado pela polícia em uma abordagem, não correr, que apresente k documento, olhe nos olhos do policial e fale com firmeza. Sabemos que é mais fácil um garoto negro ser abordado do que um branco.
ISABEL	Que isso jamais deveria acontecer, que a maldade está no adulto as crianças são puras e não fazem distinção de cor de pele.
YARA	Que isso jamais deveria acontecer, que a maldade está no adulto as crianças são puras e não fazem distinção de cor de pele.
MARGARETH	Sim, infelizmente existe é muito acusações sem cabimento onde ocorre um fato errado... e está um negro e um Branco... Sempre o negro leva a culpa... Orientou a não tomar partido es sim saber a verdade de fato... Ouvir as duas parte...
ALESSANDRA	Que não deveria acontecer, porque a maldade ta na cabeça dos pais. Que isso não devia acontecer.
DANIELE	Falta de ética.

De acordo com os relatos das entrevistadas, é notório essa desigualdade entre crianças brancas e negras, a sociedade ao compactuar com essa

discriminação nem percebe que são apenas crianças, elas não nascem racistas são puras e vítimas da sociedade. Muitas das vezes essa violência racial acontece dentro de casa com os tratamentos e atitudes vindas dos próprios pais e familiares, ou até mesmo numa atitude corriqueira do dia a dia em pedir para amarrar os cabelos porque está muito volumoso.

A história demonstra que esse processo de distorção e invisibilização da população negra e de sua cultura vem no mesmo sentido da destruição histórica do conhecimento e dos saberes produzidos pelos negros. Sueli Carneiro (2011, p. 10) analisa essa “subalternização dos negros” e denomina de epistemicídio esses processos que ocorrem pelo:

rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar.

A produção de conhecimento hegemônica no Brasil está vinculada a um sistema de poder fundado no contrato racial no qual brancos ocupam majoritariamente todas as instâncias de poder da sociedade. Essa concepção entre racismo e epistemicídio permite estabelecer um diálogo frutífero com a teoria da colonialidade.

11- Na sua opinião o que pode ser feito para combater essas atitudes racistas presente na sociedade?	
SUJEITO	QUANDO AS MULHERES FALAM
CLÁUDIA	O que eu vejo pela televisão o racismo tem que ser combatido primeiramente com os pais, porque as crianças no geral elas não nascem com o preconceito, isso se passa pros pais que precisam de palestras, são os pais que precisam de conscientização e precisam ser mais humanos. As crianças não nascem racistas, não nascem com preconceito, as crianças não nascem homossexuais, essas coisas assim vão se tornando com a prática, isso tem que ser uma reeducação para os pais, para a família.
JAMILE	Eu acredito que pra combater o racismo tem que enquadrar o racista, não pode deixar passar despercebido, hoje em dia graças a deus nós temos os meios de comunicação, nós temos internet, nós temos as redes sociais que são assim excelentes pra combater esse tipo de coisa, se você presenciar você tem que filmar mesmo, você tem que mostrar que não está gostando, que aquilo está errado, porque tem muita gente que

	vem da criação, vai desde pequeno sendo racista. Eu nunca passei por uma situação assim e se aconteceu nunca me senti ofendida, porque quando você se conhece e sabe quem você é, você só se ofende se você acreditar naquilo, se você realmente acreditar que é aquilo, caso contrário. As mídias sociais são uma ferramenta para combater o racismo, com certeza não deixar mais que novelas com conteúdo racistas não fique impune, não assistir, fazer baixo assinado. principalmente esse racismo estrutural.
ISABEL	E bem difícil mudar nossa sociedade, porque é na globalização geral a sociedade é racista, tem racismo entre os negros e racista entre os brancos, é uma confusão, preto não gosta de branco e branco que não gosta de preto e é preto que não gosta de preto. É difícil você vê branco não gosta do outro, mas preto que não gosta de preto é bem comum entre nós.
YARA	Minha opinião sobre o que deve ser feito pra acabar com isso... mais educação.
MARGARETH	Pra mim, a sociedade precisa investir muito, mas muito mesmo em educação. Pra tratar esse assunto de racismo.
ALESSANDRA	Pra mim falta investimento em educação.
DANIELE	Ser de obrigatoriedade a inclusão de todos.

De acordo com os relatos das entrevistadas, a maioria respondeu que, para combater as atitudes racistas da sociedade, deveriam primeiramente educar os pais, pois a criança não nasce racista, ela se torna através da criação e da sociedade. Outro ponto é a facilidade de informação, atualmente o mundo está conectado com um leque de ferramentas para você se instruir, se informar e estudar todos os dias por meio das mídias sociais, internet e redes sociais, tudo mundo fácil a um palmo da mão.

Para (Street 2014, p. 203), quando diz que considerarmos o letramento como prática social, “o letramento das mulheres negras”, que está intimamente associado à aprendizagem familiar”, é um aspecto do letramento em comunidade. Para o autor, o letramento já é parte da relação de poder, e o modo como as pessoas se apropriam é uma contingência de práticas sociais e culturais.

4.2 QUANDO AS EXPRESSÕES OPRIMEM

Partindo do quarto fundamento de Schucman (2012), que é se apropriar de uma gramática e de um vocabulário, foram levantadas e pesquisadas na plataforma digital nos canais do Youtube (Papo de preta, Força na peruca, Vejaponto.com,

Negra e Crespa, Nelderina Ribeiro, Universidade La Salle, Lilia Schwarcz) ,algumas expressões sociais usadas de forma pejorativa cotidianamente.

Papo de preta

1. Negro de alma branca
2. Não sou tuas negas
3. Beleza exótica
4. Denegrir
5. Inveja branca
6. Fazendo nas coxas
7. Mulata, morena

Canal força na peruca

8. Mercado negro
9. Ovelha negra
10. Magia negra
11. Lista negra
12. Humor negro
13. Da cor do pecado
14. A coisa tá preta
15. Criado mudo
16. Tem pé na senzala

Negra e Crespa

17. Serviço de preto
18. Cabelo pinchai
19. Amanhã é dia de branco

Nelderina Ribeiro

20. Barriga suja
21. Grana preta
22. Negra, linda

Veiaponto.com

23. Exótico
24. Doméstica

Universidade La Salle

25. Lápis Cor da pele
26. Meia tigela

Lilia Schwarcz

27. Borçal

De posse deste levantamento, podemos observar no Quadro 5 algumas dessas expressões racistas e seus significados, no intuito de se fazer a substituição e reconstrução das mesmas, pois, ao utilizá-las no dia a dia, muitas vezes nem ao menos se sabe a origem e significados. Caímos no erro de reproduzirmos, justamente por falta de conhecimento sobre seus significados.

Quadro 5 – expressões racistas e seus significados

<u>Fonte</u>	<u>Expressões Racistas</u>	<u>Definição</u>	<u>Substituição linguagem</u>
Papo de preta	Negro de alma branca	Tentativa de elogiar uma pessoa preta fazendo referência a dignidade dela como algo pertencente apenas as pessoas brancas.	
	Não sou tuas negas	Reforça o estereótipo da mulher negra como sendo qualquer uma e de todo mundo.	Não sou uma mulher qualquer
	Beleza exótica		Beleza diferente
	Denegrir	Tornar negro, como se fosse algo ruim, negativo ou ofensivo.	Difamar, desonrar, caluniar
	Inveja branca	Associação entre “branca” e uma coisa positiva e negra como negativo.	Inveja boa
	Feito nas coxas	A origem da expressão popular deu-se na época da escravidão onde as telhas eram feitas de argila, moldadas nas coxas de escravos	
	Mulata	Derivação de mula. Termo híbrido que vem do cruzamento entre cavalo e égua.	
	Morena	termo ofensivo na tentativa de diminuir a melanina embranquecer ou clarear a negritude	Negra, preta
Canal força na peruca	Mercado negro	Expressão em que a palavra “negro” representa algo ilegal	Mercado clandestino
	Ovelha negra	Expressão em que a palavra “negra” usada como algo pejorativo, comportamento rebelde.	Ovelha desgarrada
	Magia negra	Expressão em que a palavra “negra” representa algo prejudicial	Magia ruim
	Lista negra	Expressão em que a palavra “negra” representa algo ruim.	Lista suja, maldita
	Humor negro	Expressão em que a palavra “negro” representa algo	Humor ácido, sombrio

		desconfortável.	
	Da cor do pecado	Associar preto com o pecado, ficar exposta por muito tempo ao sol.	
	A coisa tá preta	Associação entre “preto” e uma situação desagradável, ruim.	
	Criado mudo	As pessoas escravizadas que faziam os serviços domésticos eram chamadas de criados. Muitas das vezes passavam noites imóveis ao lado da cama com um copo d’água.	Mesa de cabeceira
	Tem pé na senzala	Pessoa de origem negra, herança do período de escravidão	Afrodescendente
Negra e Crespa	Serviço de preto	Usado como sinônimo de trabalho relaxado. Serviço malfeito	
	Cabelo pinchai, cabelo ruim ou cabelo duro	Expressão usada para falar mal das características dos cabelos afros.	Cabelo crespo ondulado, cacheado, afro
	Amanhã é dia de branco	Dar a entender que o dia será de muito trabalho.	Sendo que sempre quem trabalhou e muito foi a população negra.
Nelderina Ribeiro	Barriga suja	Expressão que faz relação a origem é usado quando a mulher tem um filho negro. Algo impuro.	
	Grana preta		Muito dinheiro
	Negra linda	Quando se diz negra bonita existe um “mas” subentendido, “ela é negra, mas é bonita”	Mulher linda
Vejaponto.com	Criolo ou negao	Expressão que designava o filho de escravizados, extremamente pejorativo discriminador do indivíduo negro.	
	Doméstica	Eram mulheres negras que trabalhavam dentro da casa de famílias brancas e eram consideradas domesticadas. Porque os negros eram vistos como animais, e por isso precisavam ser domesticados através da tortura.	Empregadas do lar
Universidade La Salle	Lápis Cor da pele	Não existe cor de pele.	Rosa claro ou bege
	Meia tigela	origem na época das minas de ouro utilizada quando os escravizados que trabalhavam com força, não conseguiam finalizar o serviço e recebiam meia tigela de comida como punição.	Objeto de pouco uso ou sem utilidade
Lilia Schwarcz	Borçal	Negros recém-chegados sem conhecimento, ignorantes.	
	A dar com o pau	Expressão que remete a quantidade, surgiu na época da escravidão nos navios negreiros quando os escravos faziam greve de fome e uma colher de pau era enfiado em sua boca	

	Traços finos	Tratando o que está fora do padrão europeu de estética branca, algo como incomum.	
	Nhaca	Expressão que se refere ao mal cheiro, forte odor. No entanto Nhaca é uma ilha de Maputo, em Moçambique,	
	Colocar no tronco	Expressão usada para colocar de castigar, punir	
	Samba do Criolo doido (título de samba que satirizava o ensino de História do Brasil nas escolas do país nos tempos de ditadura)	Expressão debochada, que significa confusão ou trapalhada. Reafirma um estereótipo e discriminação aos negros.	
	Macumbeiro, galinha de macumba, chuta que é macumba	Expressão que discrimina os praticantes de religiões de matriz africana.	
	Disputar a nega	Expressão usada quando os senhores jogavam algum esporte ou jogo e o prêmio era uma escravizada negra. Sua origem não só na escravização, como também na misoginia e no estupro.	
	Tem caroço nesse angu	Expressão possui origem em um truque realizado pelos escravizados para melhor se alimentarem. Quando a escravizada servia o prato com angu de fubá, por algumas vezes escondia pedaços de carne ou torresmos embaixo do angu.	

Assim, pais de crianças afrodescendentes, em especial, podemos ensinar seus filhos, assim como todos nós podemos nos ensinar uns aos outros, maneiras de reconhecer, responder e combater as formas de racismo com uma educação não formal antirracista, que requer:

- 1) falar sobre racismo, raça, preconceito, termos com.
- 2) identificar o racismo.
- 3) estratégias para combater;
- 4) compreender o racismo na sociedade.

Assim, esse estudo pode desencadear outros desafios e interesses nessa trajetória acadêmica, de tal modo que a temática escolhida é, sem dúvida, ainda muito presente na sociedade, camuflado nas entrelinhas do discurso oral e em atitudes ditas como irrelevantes e sem a importância cabível para o ato.

E com base nessas questões e principalmente nas palavras do educador Paulo Freire (1987, p. 87): "Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo", que creio na importância desta pesquisa, porque a mudança integral pretendida nasce a partir da junção das ações individuais. Mudar o mundo requer mudar o homem, os nuances mundos e "homem" necessitam ser considerados. O homem se transforma a partir da educação, o mundo e seus atores se conhecem de maneira mais ampla por meio do letramento. Assim, a educação se presta a mudar as pessoas do mundo e o letramento, por sua vez, a mudar o mundo dessas pessoas.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre letramento racial em uma comunidade não significa verificar o que é ensinado por meio de uma hierarquia literária de conhecimentos científicos e epistemológicos inseridos nos ensinamentos religiosos, como os da igreja católica, mas sim buscar uma questão mais ampla em virtude da convivência social que está para além dos muros da sua comunidade.

A presente pesquisa teve como intuito contribuir para discussão teórica acerca do letramento, do letramento racial, das práticas educativas e da análise do discurso imbricada nos enunciados e discursos das mulheres negras mães, participantes da comunidade da Terra Firme, relacionados a seus saberes e conhecimentos individuais e coletivos.

O letramento racial contribui para o desenvolvimento dessas mulheres, proporcionando assim seu crescimento cognitivo, emocional e social, através das práticas educativas sociais que foram proporcionadas para além de um conhecimento e experiências.

Com esta discussão teórica pode-se encontrar autores no âmbito teórico educacional e epistemológico que abordam o letramento como uma questão fundamental para transformação do indivíduo na sociedade, recriando-se seus saberes, vivências e experiências, ressaltando assim suas práticas de eventos, ensinamentos vividos, para desvelar a prática educativa, para além dos conhecimentos advindos das suas vivências.

Há muito o que se desvelar sobre o letramento racial no campo educacional, porem com uma definição já bastante conhecida advinda do racismo estrutural, pois pouco se fala sobre, as expressões utilizadas no nosso dia a dia em que muitas pessoas fazem uso destes letramentos no seu cotidiano e seus significados pejorativos são reproduzidos até os dias atuais, sem perceber de sua importância para as práticas sociais educativas.

A pesquisa me leva a perceber como pesquisadora e principalmente educadora a importância do letramento e do letramento racial que estão imbricados nas práticas educativas da comunidade da Terra Firme com essas mulheres negras, na formação social de seus filhos em terem a consciência de que eles irão passar por certas situações de racismo, mas que passaram juntos que eles não estarão sozinhos, terão o apoio familiar e serão acolhidos por elas.

As ações sociais por elas organizadas na comunidade que vivem, como atendimento de manicure, pedicure, entrega de cestas básicas e eventos de datas comemorativas entre outras, sendo essenciais para os momentos de socialização delas na comunicação e extensão de seus saberes difundidos nesses eventos.

Para tanto, partimos da seguinte **situação problema**: como mães de crianças afrodescendentes ensinam seus filhos a reconhecer, responder e combater as formas de racismo em suas práticas sociais diárias?

As entrevistadas apresentaram características parecidas no modo como as mulheres negras pensam, sentem e vivenciam a experiência do racismo, reconhecem os privilégios que a sociedade pratica e não lhe concede, reconhecem a existência do racismo na sociedade brasileira, reconhecem as desigualdades sociais e fazem uma análise crítica sobre essas questões em suas falas.

Este trabalho se configura com a resposta a situação problema, pois procurou compreender de que forma as práticas sociais diárias ocorrem com mães de crianças afrodescendentes no combate ao racismo, para tanto é impossível afirmar que nenhum dos sujeitos tenha adquirido uma vida completamente não racista, pois seus depoimentos são evidentes para mensurar uma tomada de posição desta natureza.

O estudo mostrou que existem pessoas que passam a adquirir consciência e vislumbram uma transformação social a partir de suas vivências, a serem precursoras de mudanças em seus micros lugares de atuação e de poder, mudança estrutural de valores culturais de uma sociedade como um todo.

É sobre a busca de conhecimento que abarca as temáticas raciais, no intuito de capacitar o indivíduo a perceber práticas, falas e pensamentos racistas do seu cotidiano, e um dos pilares do letramento racial é justamente desenvolver a capacidade de interpretar códigos e práticas racistas trabalhando a diversidade. A educação é o ponto inicial para a mudança de estrutura e construção de novos repertórios.

Para Munanga e Gomes (2006) as ações afirmativas se constituem, assim, em [...] políticas de combate ao racismo e à discriminação racial mediante a promoção ativa da igualdade de oportunidades para todos, criando meios para que as pessoas pertencentes a grupos socialmente discriminados possam competir em mesmas condições na sociedade (p 186).

O reconhecimento da história, do espaço e ação do movimento negro são essenciais para que as pessoas consigam se deslocar da posição de normalização e de hegemonia cultural.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA-PEREIRA, R. **A reenunção e as visadas dialógico-valorativas no gênero jornalístico notícia: projeções e discursividade.** Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, linguística e Literatura Letra Magna. Ano 9, n. 16, 2013 [www.letramagna.com].
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 48ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- BAKHTIN. M.M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso.** (Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra, notas da edição russa Serguei Botcharov). 2ª Reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2019b
- BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2001.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Feusp, 2005.
- KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina, 2009.
- SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista brasileira de Educação, São Paulo, 2004.
- SOUZA, Ana L. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- STREET, B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- ALMEIDA, Neide A. de. Letramento racial: um desafio para todos nós. In: **Geledés – Instituto da mulher negra.** De 28 out. 2017. Disponível em

<<https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-dealmeida> >, acesso em 30Out2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SCHUCMAN, L.V. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: AnnaBlume, 2013.

TWINE, F. W. **A White side of black Britain**: the concept of racial literacy. *Ethnic and Racial Studies*, v. 27, n.6, p. 878-907, 2006.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

_____. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020, p. 20-21.

CARNEIRO, Sueli. E-book **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. Kindle Version. Paginação irregular.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes et al. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.7-35.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global Editora, 2006.

WOODWARD, K. **Questioning identity**: gender, class, nation. London; New York: The Open University Press, 2000.

IBGE/Pnad Continua/Todos pela Educação. Infograficoelaboradoem: 07/02/2022

Apêndice 1 - QUESTIONÁRIO SOBRE DADOS PESSOAIS

1) Qual seu nome?

2) Sua idade? _____anos

3) Escolaridade? Formação?

4) Você é casada? (___) Sim (___) Não

5) Você tem filhos? Quantos?

6) Qual sua profissão?

7) Qual a escolaridade da sua mãe? E profissão?

8) Qual a escolaridade do seu pai? E profissão?

9) Quantas pessoas moram com você?

Apêndice 2 - QUESTIONÁRIO SOBRE LETRAMENTO RACIAL
1- Você fala sobre cor de pele para seu filho (a)?
2- O que você fala pra ele (a) sobre racismo?
3- Qual o seu entendimento sobre racismo?
4- Seu filho (a) já sofreu alguma agressão racista?
5- O que você sugere que ele (a) faça caso ocorra algum tratamento injusto?
6- Como você e sua família lidam com o racismo diariamente?
7- Pra você quais os impactos do racismo na vida das crianças?
8- Você costuma ler alguma literatura ou assistir filmes que trate sobre o racismo ou que tenha no elenco autores negros?
9- De que maneira você faz a desconstrução do racismo diário, sobre ser negro com seu filho?
10- Sabemos que há problemas que envolvem crianças negras que não envolvem crianças brancas, qual seu ponto de vista como mãe sobre isso?
11- Na sua opinião o que pode ser feito para combater essas atitudes racistas presente na sociedade?

ANEXO 01 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO

LINHA DE PESQUISA: “Saberes culturais e educação na Amazônia”

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Participante: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Título da pesquisa: LETRAMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACIAL: UM ESTUDO SOBRE DIZERES DE MULHERES NEGRAS

O objetivo da pesquisa é o **objetivo geral desta pesquisa é analisar** como se caracteriza o letramento racial na vida de mulheres negras como mães na sociedade, e de que maneira esse letramento é transmitido para os filhos. Entrevistaremos mulheres negras e mães, com a intenção de saber como ou de que forma **as práticas de letramento racial** se configuram no cotidiano das mesmas.

Se **autorizar** a sua participação neste estudo, deverá permitir a entrevista, assinando este Termo. Ressalto que a entrevista será feita por um roteiro com perguntas abertas e fechadas que deverá ser **respondido ou gravado**, para obter todas as informações necessárias. A participação neste projeto não apresenta nenhum risco de vida.

A única questão que você deve considerar é a divulgação dos dados obtidos para apresentação em eventos de educação. Você não receberá nenhum pagamento, mas também não terá nenhum custo, pois a pesquisa acontecerá em torno da comunidade ao qual você mora. Este estudo beneficiará você indiretamente, podendo ajudar a sua comunidade a reivindicar melhorias. E há ainda dois motivos: em primeiro lugar, o estudo da produção vai nos ajudar a compreender melhor as interações que ocorrem entre mães e filhos negros e as práticas de letramento racial e; em segundo, o estudo de sua produção vai contribuir para estendermos estudos mais aprofundados sobre essas práticas na vida social.

Você receberá **pseudônimos** (um nome fictício) nas informações pessoais no roteiro ou na gravação em áudio. Com seu consentimento específico, os pesquisadores que utilizarem os seus dados poderão fazer apresentações e publicações com os resultados do estudo, mas sem apresentar as informações pessoais sobre sua pessoa.

Com relação à gravação em áudio, ela poderá ser vinculada nessas apresentações e publicações, que serão como exemplos de discursos, sem comprometimento deste. Caso o áudio mostre alguma fala que causou constrangimento pessoal ao sujeito, você poderá solicitar pessoalmente ou por e-mail aos pesquisadores do projeto – ver dados abaixo indicados - que não incluam esses dados no corpus e, com a solicitação documentada no e-mail, nós garantiremos que esses dados sejam apagados. Você poderá entrar em contato conosco a qualquer momento.

Estaremos disponíveis para responder a qualquer dúvida que possa surgir sobre este estudo. Se você tiver mais perguntas sobre o projeto ou se tiver algum problema relacionado com a pesquisa, você pode entrar em contato com os pesquisadores deste estudo.

Profª. Janaina Augusta Ramos Pontes. E-mail: pedagogajarp@yahoo.com.br. Celular: (91) 985317733. Profª. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva. E-mail: cardoso_socorro@yahoo.com.br. Celular: (91) 982714009.

Após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, eu _____ autorizo a publicação de minhas entrevistas concedidas à pesquisadora para participar do estudo **LETRAMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACIAL: UM ESTUDO SOBRE DIZERES DE MULHERES NEGRAS**

Autorizo a divulgação e a publicação de toda informação coletada no ambiente da comunidade, exceto dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico.

Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do(s) pesquisador(es).

Local: _____ . Data: ____/____/____.

Nome do participante da Pesquisa

Profª. Janaina Augusta Ramos Pontes

Profª. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra, s/n – Telégrafo66113-200 Belém-PA
www.uepa.br/mestradoeducacao

